



Alkistis Michaelidou

Ney Matogrosso

Um Revolucionário Primordial

NEY MATOGROSSO
UM REVOLUCIONÁRIO PRIMORDIAL

Textos: Megakles Rogakos
Paginação–Supervisão do Catálogo: Nick Doukas, ndoukas@hol.gr
Design da capa: Nick Doukas
Design do site: Loizos Pagonis, ploizos@gmail.com
Fotografia das obras: Alexander Voutsas, alexvoutsas1@gmail.com
Tradução de Grego / Português: Ana Maria Soares
Edição do Texto em Inglês: Nicholas Garthwaite

O catálogo é publicado por ocasião da exposição de Alkistis Michaelidou intitulada: *Ney Matogrosso - Um Revolucionário Primordial*, pela curadoria de Megakles Rogakos, que organizou na Casa do Brasil em Atenas de 18 de Abril a 25 de Maio de 2018.

Elementos sobre as obras: As dimensões das obras são dadas em centímetros- altura por largura.

ISBN: 978-618-83730-2-0

Alkistis Michaelidou
Ney Matogrosso – Um Revolucionário Primordial

© Alkistis Michaelidou 2018
© Megakles Rogakos 2018

Direitos sobre os Textos e Imagens: Todos os direitos são reservados pelos autores e artistas conforme os termos creditados. É proibido, por qualquer motivo, reproduzir ou transmitir de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia ou armazenamento em qualquer sistema de recuperação, sem a permissão prévia por escrito do autor / artista. Exceções são permitidas em casos de uso de boa fé, para fins de pesquisa, estudo, crítica, conforme previsto pelo direito internacional. Solicitações de reprodução além dessas condições são submetidas no local da exposição.

ALKISTIS MICHAELIDOU

NEY MATOGROSSO
UM REVOLUCIONÁRIO PRIMORDIAL

18 ABRIL 2018 - 25 MAIO 2018

CASA DO BRASIL -EMBAIXADA DO BRASIL EM ATENAS

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

Alkistis Michaelidou

“Ney Matogrosso – Um Revolucionário Primordial”

Com curadoria de Megakles Rogakos

Casa do Brasil – Embaixada do Brasil em Atenas
18 de Abril 2018 – 25 de Maio 2018

Embaixada do Brasil em Atenas, Casa do Brasil
Av. Vasilissis Sofias, nº 23, Kolonaki, Atenas, GR 10674, Grécia
+30 210 7213 039, cultural.atenas@itamaraty.gov.br

Colaboradores

Responsáveis pela Coordenação: Luiz Eduardo Pedroso, Flávio Célio Goldman

Curador: Megakles Rogakos

Organização: Casa do Brasil, Atenas

Sob os auspícios de : Embaixada do Brasil em Atenas

PATROCIONADORES



PATROCIONADORES DE COMUNICAÇÃO



AGRADECIMENTOS

Alkistis Michaelidou expressa sua gratidão
a Sua Excelência o Embaixador
da República Federativa do Brasil,

Cesário Melantonio Neto,

pela hospitalidade na Casa do Brasil.

Ela agradece também

ao Ministro-Conselheiro

Luiz Eduardo de Aguiar Villarinho Pedroso

e ao Chefe do Setor Cultural, Ministro

Flavio Célio Goldman,

pelas suas preciosas ajudas.

Michaelidou quer expressar sua gratidão aos seus amigos

Nikos Doukas, Megakles Rogakos, Alexander Voutsas e

Ney Matogrosso

pela sua preciosa contribuição e cooperação.

Alkistis Michaelidou pinta Ney Matogrosso

Alkistis Michaelidou, pintora grega, admira o trabalho de Ney Matogrosso, cantor, intérprete, diretor e ator brasileiro, uma personalidade socialmente revolucionária e de alguma forma subversiva com um comportamento artístico bastante provocativo. A artista se emociona com a sua presença no palco que incorpora elementos tribais primitivos, vida selvagem e o mundo da imaginação, através dos quais ele protesta contra o autoritarismo da ditadura e o lado desumano do fascismo, desafia os clichês, as formas estabelecidas e o comportamento socialmente aceite dos gêneros, torna-se um defensor da liberdade de expressão e entrega sua própria mensagem de vida — a liberdade, o reconhecimento do que realmente é alguém, a simplicidade e a verdade que dão sentido à vida e lhe dão substância.

Ney é o principal proponente da liberdade, o homem “Olho Nu”, que se atreve a revelar seu verdadeiro Eu diante de todos e de uma sociedade conservadora. Seu trabalho diz respeito às relações variadas de seu eu com a alteridade, para a qual ele está aberto. Através da tradição artística Brasileira e contra a ditadura, ele se expressou com alusões,

declarações para sua reação contra o absurdo e a violação do ser. Ele violou convenções que alertam com a música *Desperta América do Sul*. No início da *Tropicália*, em 1967, cantando letras alusivas à liberdade e projetando seu erotismo bissexual como resistência à ditadura militar do Brasil (1964-1985), ele demonstrou ser corajoso. No Festival de Jazz de Montreux de 1982, ele impressionou o mundo citando elementos da selva, imitando animais e seu erotismo. O mundo de Ney diz respeito ao instinto primordial, às raízes arquetípicas e à relação do homem com a natureza, através das quais ele busca sua própria realidade.

A relação de Michaelidou com Ney começou em 2010, quando a artista tomou conhecimento pela primeira vez do trabalho dele. Ela ouviu a música *Homem com H* (1981), que diz ironicamente: “Eu sou um homem com H/E sou o que eu sou!”, zombando de alguém mas sendo inteiramente convencional, separado de sua verdade. Por causa de seus disfarces, algumas pessoas malignas o chamavam de esquizofrênico e travesti, mas ele os impediu em seu caminho. Ele não recebeu a acusação como ameaça. Sem nunca se irritar, ele respondeu com calma, razão e civilidade. Ele conseguiu cativar o seu público, ao explicar de forma serena que ele escolhe conscientemente elementos da expressão corporal e, onde quer que venha a ser incompreendido, ele apresenta seu ponto de vista, tanto artístico como humano.

Em 2012, Michaelidou começou as primeiras notas sobre o trabalho de Ney, e se aproxima estética e intuitivamente antes de se familiarizar com o conteúdo de suas letras. Aprendendo português, se apercebeu da dimensão de sua contribuição para a cultura e avaliou sua personalidade multidimensional. Então, a artista se familiarizou com o compromisso de Ney em sua presença artística, liberal e anti-guerra em defesa da natureza, liberdade e paz. Além disso, após suas entrevistas, ela admirava sua coragem e apreciava a pureza de seus significados. Os primeiros elementos que a encantavam eram sua ironia e erotismo, o ser brincalhão no palco. Assim, cheia de curiosidade, procurou o significado das letras de suas músicas e sentiu que ele realmente as significa e participa no que interpreta. Michaelidou ficou impressionada com uma concentração particular em seu olhar, a energia primordial que ele próprio contém, bem como sua personalidade que se caracteriza pela transcendência.

Para a artista, Ney é uma figura emblemática, um homem-símbolo da liberdade e um revolucionário solitário que, através da arte, reivindicou liberdades individuais. Ele realmente liberta e defende corajosamente o que é mais real e genuíno no homem. Tem princí-

pios auto-impostos e um alto senso de justiça. Nesta base, fez da sua vida e da arte uma unidade ininterrupta. Ele tem a capacidade de interagir com o público, mesmo que este seja de culturas e línguas diferentes, e penetrar na sua psicologia. Michaelidou reconhece, “sem o conhecer e sem saber o seu idioma, eu podia sentir todas as suas mensagens, reagindo lentamente dentro de mim”. Tão forte e clara é a sua arte. Além disso, com sua habilidade de se disfarçar e transformar, ele despertou na pintora imagens arquetípicas. De modo a expressá-las, recorreu a elementos da mitologia, influenciada por suas leituras de Carl Gustav Jung e suas discussões com seu amigo, Nikos Doukas. Assim surgiu esta série de pinturas sobre Ney, num desejo de louvar na pintura o que admira.

Michailidou aceitou o desafio pessoal de renovar a sua pintura com diferentes estilos, antigos e novos apropriando-se das suas características e revendo muitas das suas lições de pintura. Com essas misturas estilísticas, expressa uma liberdade infinita baseada na experiência e na aplicação da história da arte. Um desenho nervoso, uma constante violação do ritmo e do estilo, uma descontinuidade contínua, a ocupa na maioria de suas composições e caracteriza seus trabalhos, ocasionalmente vistos às vezes formalisticamente e às vezes conceitualmente. Ela trabalhou com materiais desconfortáveis, alterou sua pincelada habitual, para se forçar em inversões, em busca da harmonia da heterogeneidade estética.

Michaelidou escolheu expressar-se de uma forma grosseira, áspera, direta, sincera e espontânea. Na pintura, manteve a pincelada desajeitada pelo caráter espontâneo, às vezes dramático, outras vezes irônico que a artista transmite no respectivo trabalho. Muitas vezes manchas e materiais rasgados estragam a imagem de seu trabalho como uma reação aos ensinamentos das várias escolas. A artista disse: “Tentei ir o máximo possível contra as regras e os meus procedimentos habituais. Eu precisava de misturas de estilos para lidar com a ‘atitude pós-moderna’ (Umberto Eco, *Reflexões sobre ‘O Nome da Rosa’*, trans. William Weaver, Londres: Minerva, 1994, p. 67), mas também minha psicologia, porque a única coisa certa na minha vida é a mudança. Principalmente, porém a mistura de estilos é a única maneira de renderizar o Ney. Considero-o um palimpsesto de formas arquetípicas e figuras antigas. Na minha imaginação, ele incorpora mitos antigos e suas extensões psicológicas”. Assim, a artista recebeu elementos da biografia de Ney e da sua presença no palco e os transformou em imagens que elevam o pessoal ao público. Para explicar a personalidade de Ney e revelá-la, ela teve que empregar híbridos mitológicos, especialmente o centauro, ou deuses apropriados, como Artemis Potnia Theron ou Dioniso. A partir de 2011, ela mergulhou em uma busca insaciável de estilos, concebida

além de suas formas usuais de amarrar diferentes abordagens estilísticas e graus de representação, como o desgaste de frescos e vasos antigos como forma de abstração, também uma variedade de expressionismos e rabiscos infantis, ou elementos de quadrinhos como uma expressão de libertação.

A artista acredita que “as imagens antigas, em vasos e frescos, podem ser harmonizadas e combinadas com as imagens pop contemporâneas”, e assim se atreve a uma nova abordagem. Visto de novo em sua mistura com o estilo contemporâneo, as imagens antigas são atualizadas. Para este fim, influenciado pela forma de Picasso e Kitaj, a artista misturou as ordens óticas familiares — frente/costas e volume/superfície. A maioria das obras tem uma centrífuga intensa, uma dinâmica radial nervosa do núcleo para fora e uma cor igualmente intensa, que invadiu sua pintura, inspirada nas ações e performances de Ney Matogrosso. Toda essa improvisação de reversão de forma e conteúdo é desencadeada pela personalidade artística de Ney. Seu rosto é o único que possui o mesmo grau de reconhecimento, uma característica coerente de obras de arte de estilo tão variado. Dá o todo com um personagem de arte pop.

Michaelidou desejou interpretar Ney de forma estética e intuitiva através das impressões que ela tinha dele, bem como através de suas referências pessoais sobre a história da arte. Nesse afã, ela alterna os estilos de acordo com o conteúdo da ideia e, principalmente, devido à personalidade polimórfica de Ney. Ela encontra o alcance psicológico de suas interpretações como artista excepcionalmente grande, diverso e autêntico. Através de suas interpretações de Ney, ela reinterpretou e revisitou aspectos de si mesma. Ela acabou por concluir que é governada por princípios congênitos — o caráter subversivo, o espírito revolucionário e a liberdade. Na verdade, ela reconheceu um poder especial no olhar de Ney que atravessa o espaço, concentrando-se essencialmente em uma ideia poética. Ao investigar as performances do artista brasileiro em profundidade, a pintora descobriu que sua performance expressa rigor na abordagem, na abstração e na concentração, assim como intensidade no conteúdo, bem como na autodisciplina.

Na presente exposição, Alkistis Michaelidou homenageia Ney. Ela criou uma série de obras que são relevantes para sua biografia e os aspectos de sua personalidade ao retratá-lo como um espírito, um deus e um híbrido. Como suas interpretações racionais para Ney não eram suficientes, ela buscou na mitologia as afinidades psicológicas e outras extensões. Suas obras expressam seu relacionamento primitivo com a natureza, as estátuas antigas, a infância, a *Tropicália*, o público e a máscara. Eles apresentam a dimensão

psicológica que Alkistis Michaelidou lhe atribui, traduzido em sentimento ao pintá-lo e interpretá-lo. Um homem genuíno com qualidades puras. Características são suas obras onde Ney é apresentado como um centauro. Esta série abrange a ampla gama de um curso exaustivo do pintor, da figuração à abstração.

As obras de Alkistis Michaelidou oferecem ao espectador uma ótima oportunidade para captar em profundidade a incomparável personalidade carismática de Ney Matogrosso e sua contribuição artística particularmente extensa, diversa e original. Esses aspectos são apresentados em seis seções: 1) *Biografia Imaginária de Ney*; 2) *Mitologia pessoal sobre Ney*; 3) *Aspectos do Caráter de Ney na Vida e na Arte*; 4) *Presença no palco*; 5) *A Máscara de Ney*; e 6) *Intelectualidade e Espiritualidade*.

Megakles Rogakos, MA MA PhD
Historiador de Arte e Curador de Exposições

Biografia Imaginária de Ney



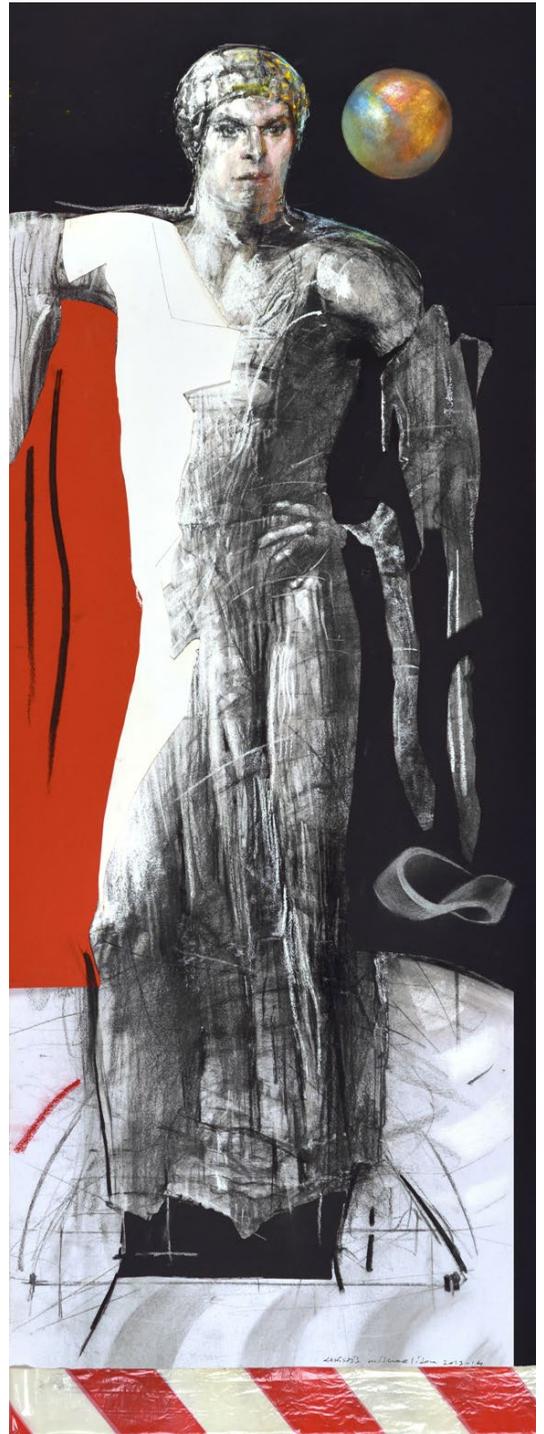
O Olho Bizantino, 2012. Carvão e pastel sobre papel (65x50).

O *Olho Bizantino* pertence aos trabalhos originais criados por Michaelidou sobre Ney. Ela própria diz: “Este trabalho reflete a minha primeira impressão absolutamente pessoal e profunda sobre Ney. A seriedade do seu olhar levou-me a recrutar uma dimensão Bizantina como um nível supremo de consciência espiritual, uma comunicação com o universo”. A pintora concentrou-se no detalhe do aspeto frontal do rosto do Ney, que compreende um olho e parte do nariz. Poderia ser descrito como uma obra de expressionismo abstrato, mas move-se nos limites da imaginação, figuração se for visto à distância. De um modo contemporâneo, confunde, no local do olho a arte Bizantina (referindo-se à imagem de Todo-Poderoso do Mosteiro de São David Eubéia, com a arte Grega Arcaica, que caracteriza a estátua de marfim de Apolo em Delfos, do século VI aC. À volta do olho e dentro do plano, pequenas formas ornamentadas, que lembram arabescos, remetem à interioridade/esoterismo oriental e à iconografia desgastada. Tem algo de uma igreja esfumaçada. Na paleta da obra dominam as tonalidades de um azul elétrico, que substitui o vermelho ou o dourado da hagiografia Bizantina, bem como a escuridão do marfim queimado.



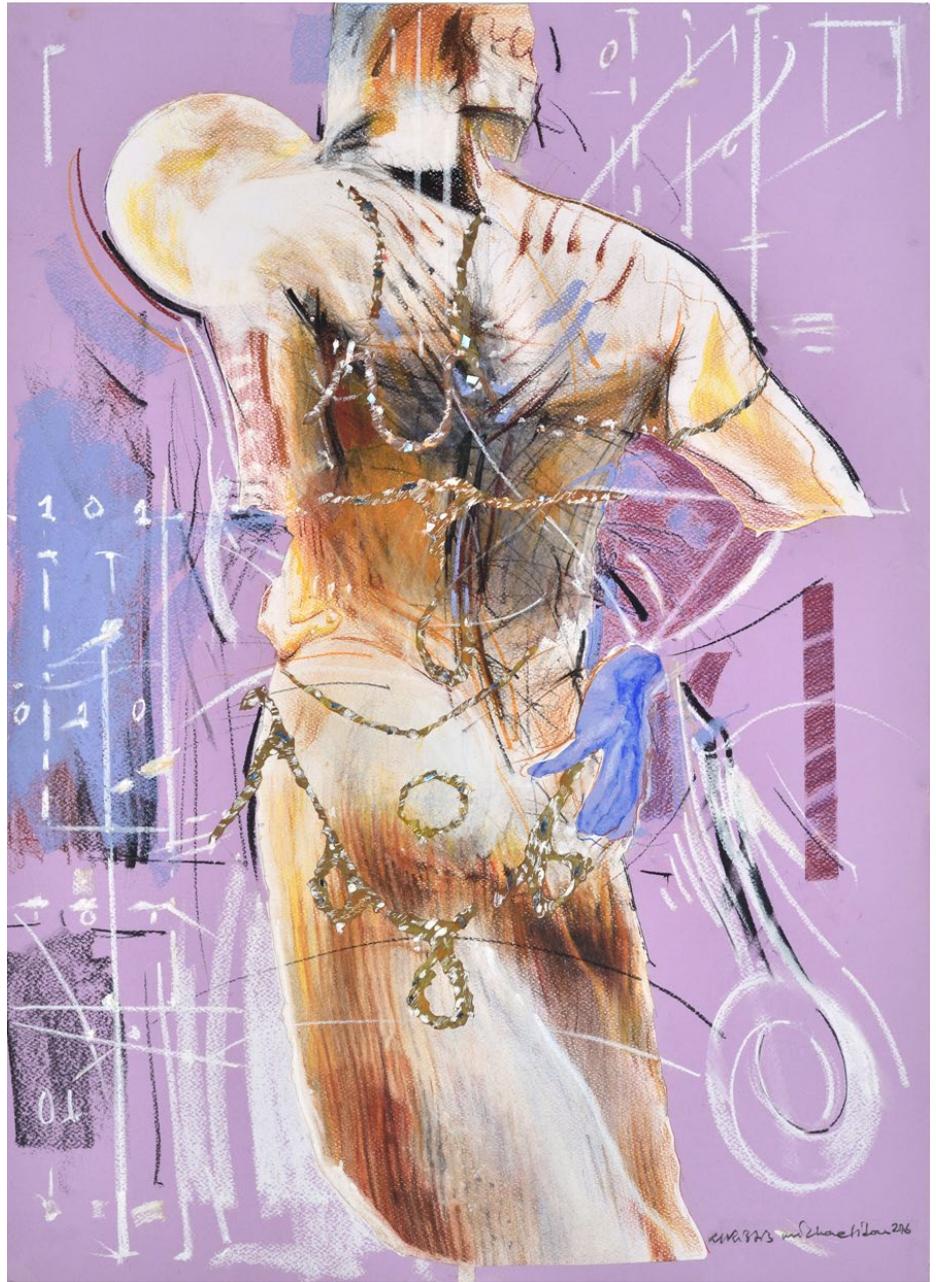
Raio, 2013. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

Ney declara que quer ser lembrado pela sua transgressão, e com isto ele quer dizer a subversão que causou nas regras em prol da liberdade. Michaelidou elaborou este trabalho inicial como objetivo de ilustrar a sua tentativa de minar as convenções. Não sabendo ainda que a sua presença na cena da arte e da vida é como um raio, a pintora sentiu o seu poder a invadir o seu campo estético. Atribui seu perfil como um raio cruzando o céu, querendo apontar o poder da vontade, o dinamismo da sua revolução e sua presença, e a categoricidade inequivalidade das suas declarações subversivas. E é isso que sublinha ao rasgar o papel, o momento de um raio numa tempestade pintada de uma maneira tradicional.



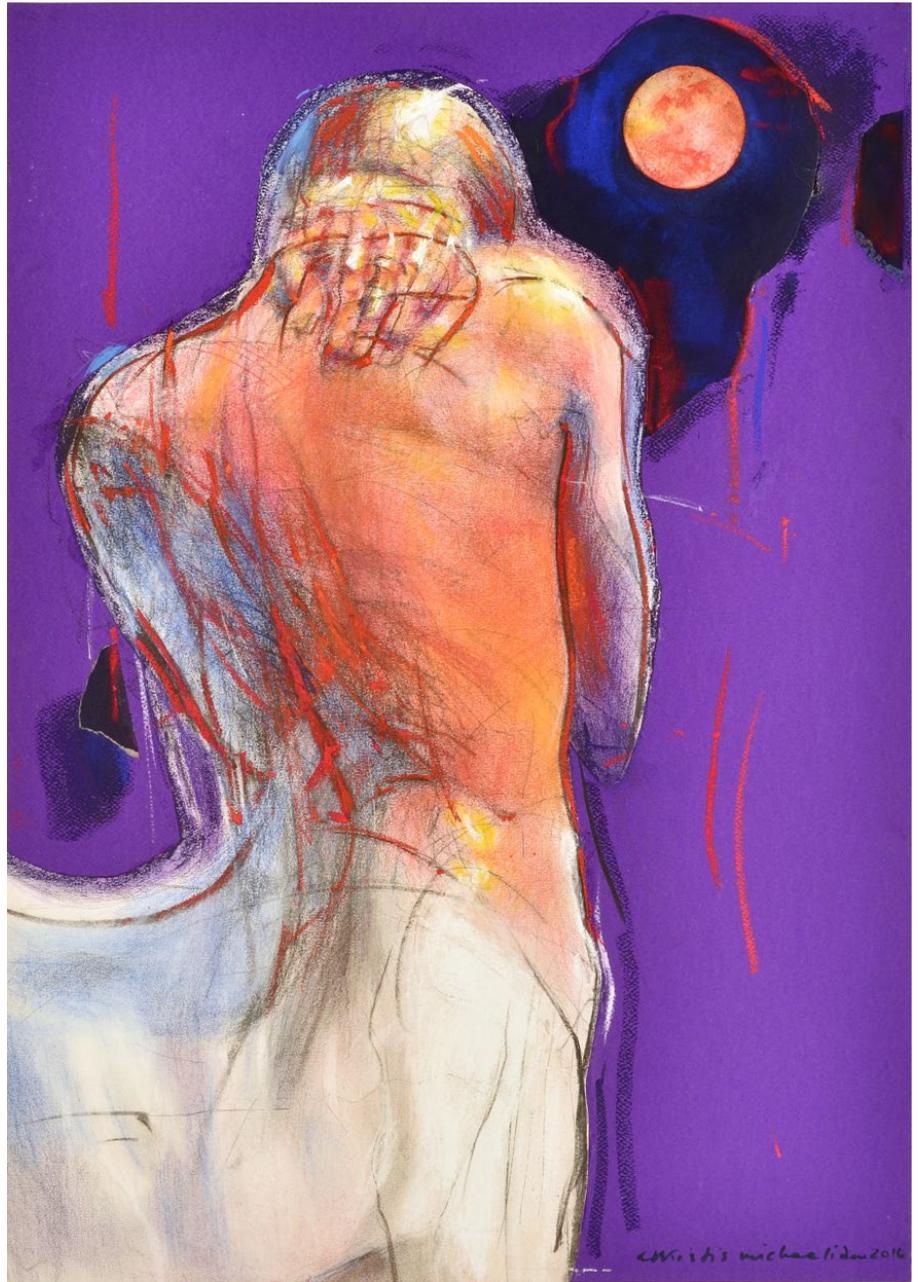
Ney como Cocheiro de Motia, 2013-2014.
Carvão, pastel, giz, e PVC sobre papel (140x50).

Uma excepcional e rara estátua Grega em mármore de 350 aC. foi encontrada, em 1979 na pequena ilha de Monti, no extremo oeste da Sicília. Foi reconhecida como cocheiro devido ao longo manto que cobre todo o corpo e, é preso ao peito com uma correia para evitar que inflasse, durante as corridas de bigas. O cocheiro é representado no clímax, no momento em que, como vencedor, desfruta o aplauso de seus espetadores no estádio. O tipo de túnica/manto chamado *ξυστίς*, refere-se ao tecido, cuja delicadeza e leveza facilitam o cocheiro durante a corrida. O escultor anónimo no entanto, usou essa qualidade para destacar a anatomia sensual do atleta. Michaelidou referiu-se à estátua devido à primeira impressão que Ney lhe causou na música, *Veja Bem, Meu Bem* (2008), com a postura/posição do corpo e sua roupa. Através da graça dos contornos do corpo dos seus modelos, ela decidiu combiná-los ajustando a cabeça de Ney na estátua. No solo/chão os padrões ondulados das calçadas do Rio de Janeiro, que refletem os movimentos/passos de dança de Ney. A pintora brincou com o espaço desconstruindo-o com trechos descontínuos da frente e do detrás, que só se encontram ostensivamente para transmitir a intemporalidade. De um lado, o espaço vermelho simboliza a paixão de Ney, enquanto o papel branco se refere à estátua. Do outro lado, a mão esmagada, fragmentada acaba na faixa de Mobius que além da unificação paramétrica da espaço simboliza igualmente a estranha relação entre o Cocheiro e Ney. A fita proibitiva destaca a façanha incomparável de Ney, que se aproximou do proibido, reviu os padrões sociais de beleza, e quebrou os tabus entre sexos. No cimo da sua cabeça, a Lua, como um símbolo de boa sorte, dota-o com uma cor especial, dá vida à estátua.



A Mão Azul, 2016. Carvão, pastel, giz e PVC sobre papel (70x50).

Aqui, com papel branco para o corpo contra o papel de fundo roxo, Michaelidou representa Ney num momento do espetáculo de *Cavaleiro de Aruanda* (2008), na qual ele encontra a oportunidade de incorporar o *Cocheiro de Moti*, em metade da parte inferior do corpo, adaptando a estátua como uma continuação de seus fragmentos como trocas unificadoras. A forma é metade mármore e metade carne. Ney é reconhecido pelo capacete, pela roupa transparente com os motivos impressos e os ornamentos entrelaçados que ele usa no espetáculo, enquanto aqui cobrem também parte da estátua. Alguns dos elementos decorativos são a colagem de película espelhada/reflexiva. A mão direita de Ney, separada do braço está apoiada na nádega. É acentuada pelo azul, que é a cor da tristeza. A faixa, de Mobius, uma superfície paradoxal com apenas um lado, refere-se à combinação contraditória da personalidade de Ney — a elegância andrógina e a dureza indígena. Os números elementares 0 e 1 nas suas linhas transmitem como fio de pensamento a harmonização do corpo orgânico com a matéria inorgânica da estátua. A Lua, na extensão do ombro de Ney, contrapõe com a fita Mobius e sela a relação inextricável entre eles.



Centauro Branco em meditação, 2016. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

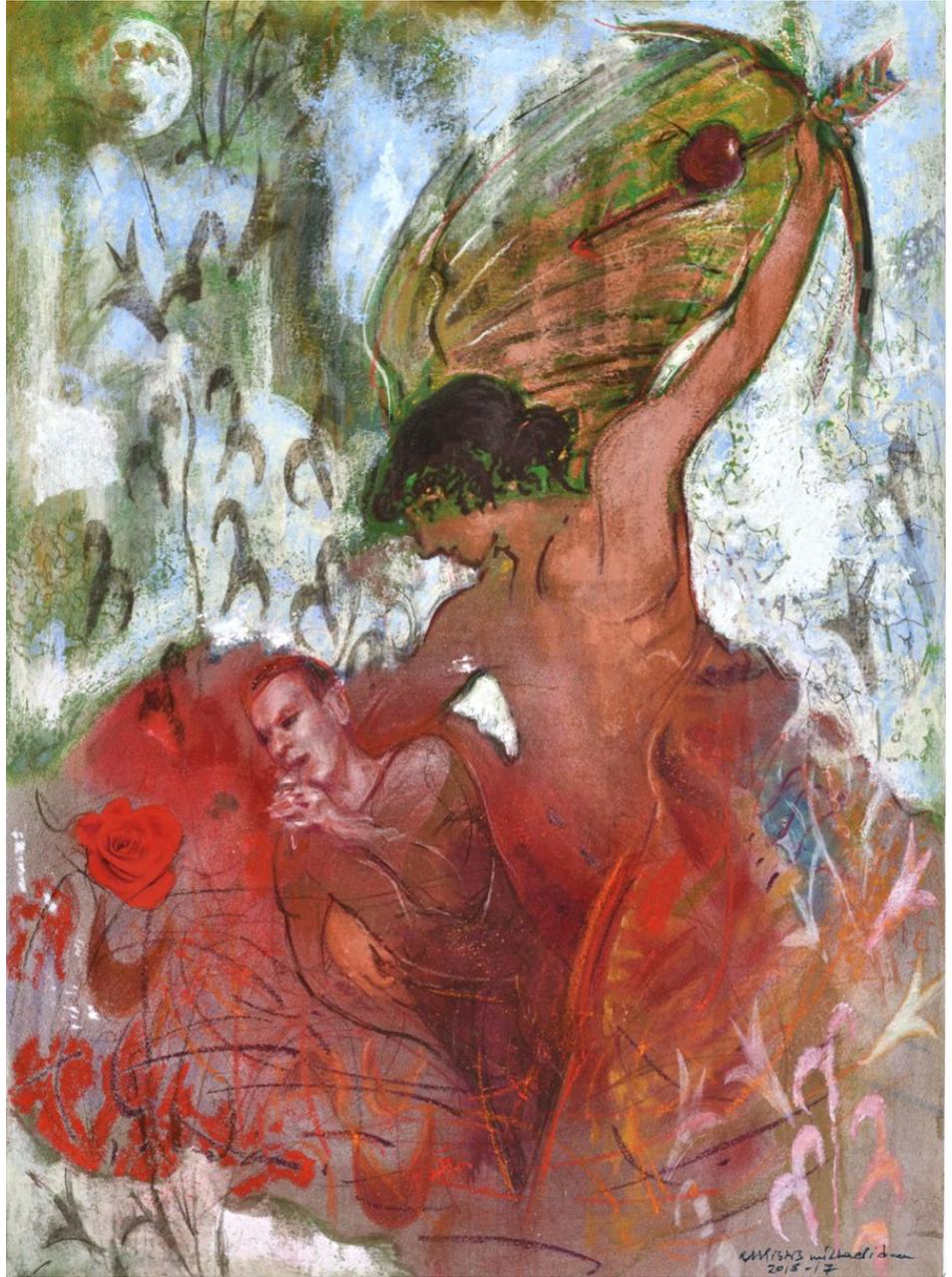
Michaelidou desenha a ideia de que Ney é um centauro branco dentro da noite. Aqui, está num momento de comoção, tristeza e introversão, pela perda dos seus amigos devido ao flagelo do AIDS. Seus ombros são suficientemente largos para a pesada mão de introspecção pousar / se apoiar sobre eles. Em primeiro plano representa-se delineado suavemente sobre papel branco a forma de Ney enquanto que em papel púrpura brilhante e azul escuro, como fundo, aparece com claro contorno a Lua, que se encosta ao seu ombro e apoando-o na na perda. Os dois adquirem um relacionamento e comunicação míticos. O tronco de Ney provém de um pôster para a música de *Rosa da Hiroshima* de 1973.



Inseto, 2016. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

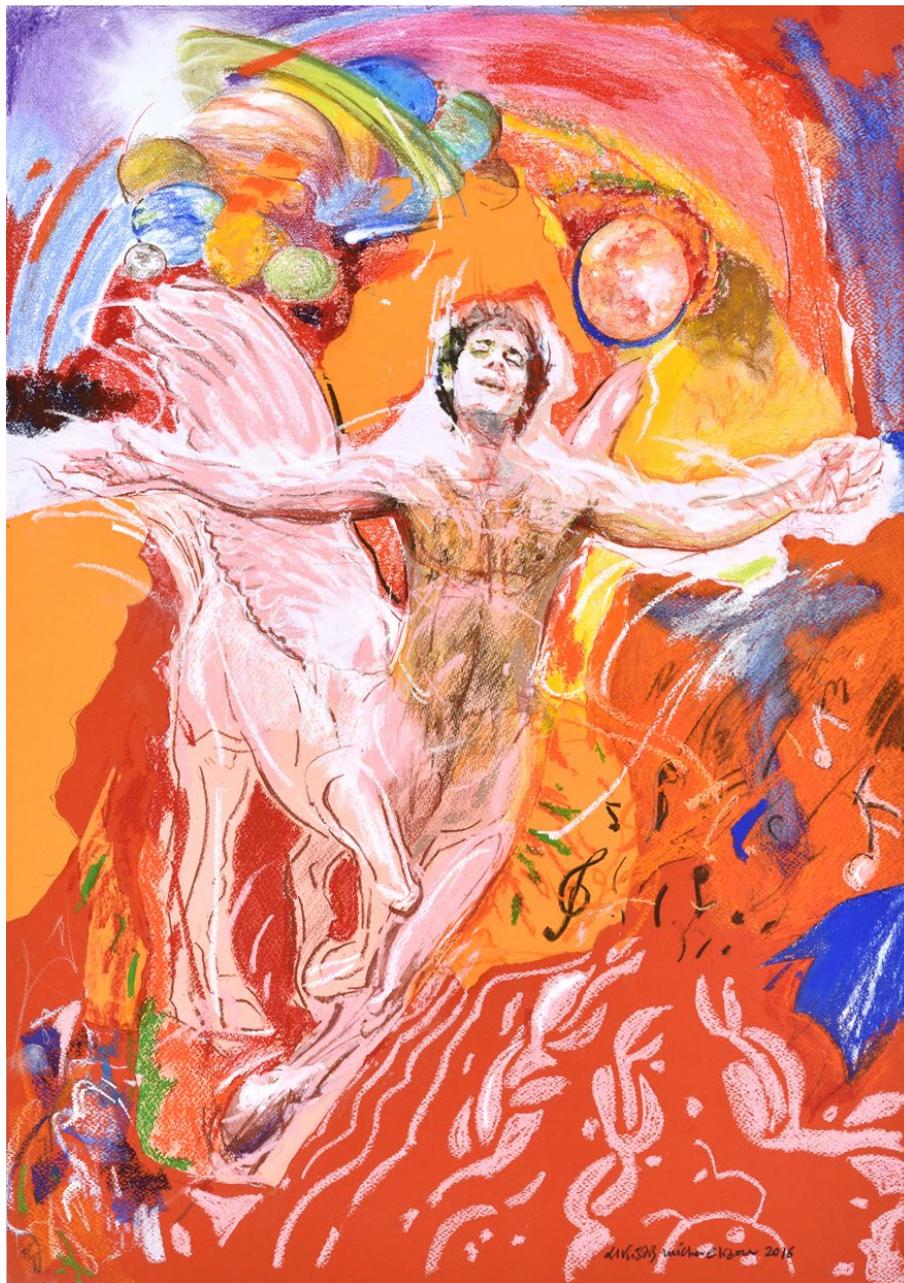
Em uma das suas entrevistas, em que lhe perguntam porque se disfarça e gesticula estranhamente, e o que tem em mente, Ney afirma entre outras coisas que se imaginou como um híbridamente como inseto. Assim, Michaelidou visualizou-o como um inseto desafiador e cintilante, comentário sobre uma estética pouco convencional de um homem inconformista. O rosto com sua máscara aparece representacional, as suas mãos como quadrinhos, com muitos pés no corpo expressionista. Com o elemento da banda desenhada comenta sua dança peculiar, que lhe recorda os excessos desta pintura. A pintura se desenrola muito suavemente de um estilo para o outro.

Mitologia pessoal sobre Ney



A Maçã do Paraíso, 2015-2017. Carvão, pastel e giz sobre papel (70x50).

Michaelidou retrata Ney cantando sobre o amor, absorvido na paixão interpretativa, enquanto Eros o agarra com ciúmes por sua relação erótica que adquiriu com seu público. Ao mesmo tempo, agarra a Maçã do Paraíso, um símbolo da consciência da vergonha erótica e do pecado sexual. O arrebatamento da maçã, perfurada pela flecha de Eros, simboliza a destruição do pecado, a fim de restaurar a inocência do amor. A cor vermelha do amor se torna uma vestimenta com a qual o Ney se embrulha. O conjunto é adornado com jacintos de estilo dum vaso antigo. A pintora combina a qualidade de um fresco desgastado na parte lateral da cabeça de Erdo os, como se fosse um vaso antigo, com a formulação fotográfica de Ney no espetáculo do *Beija-me* (2014), assim os diferentes tipos estéticos se aproximam abruptamente. A sensação de desgaste dos frescos assume o papel de unificar as texturas.



Cazuza - Centauro Alado, 2016. Carvão, pastel e lápis de cor sobre papel (70x50).

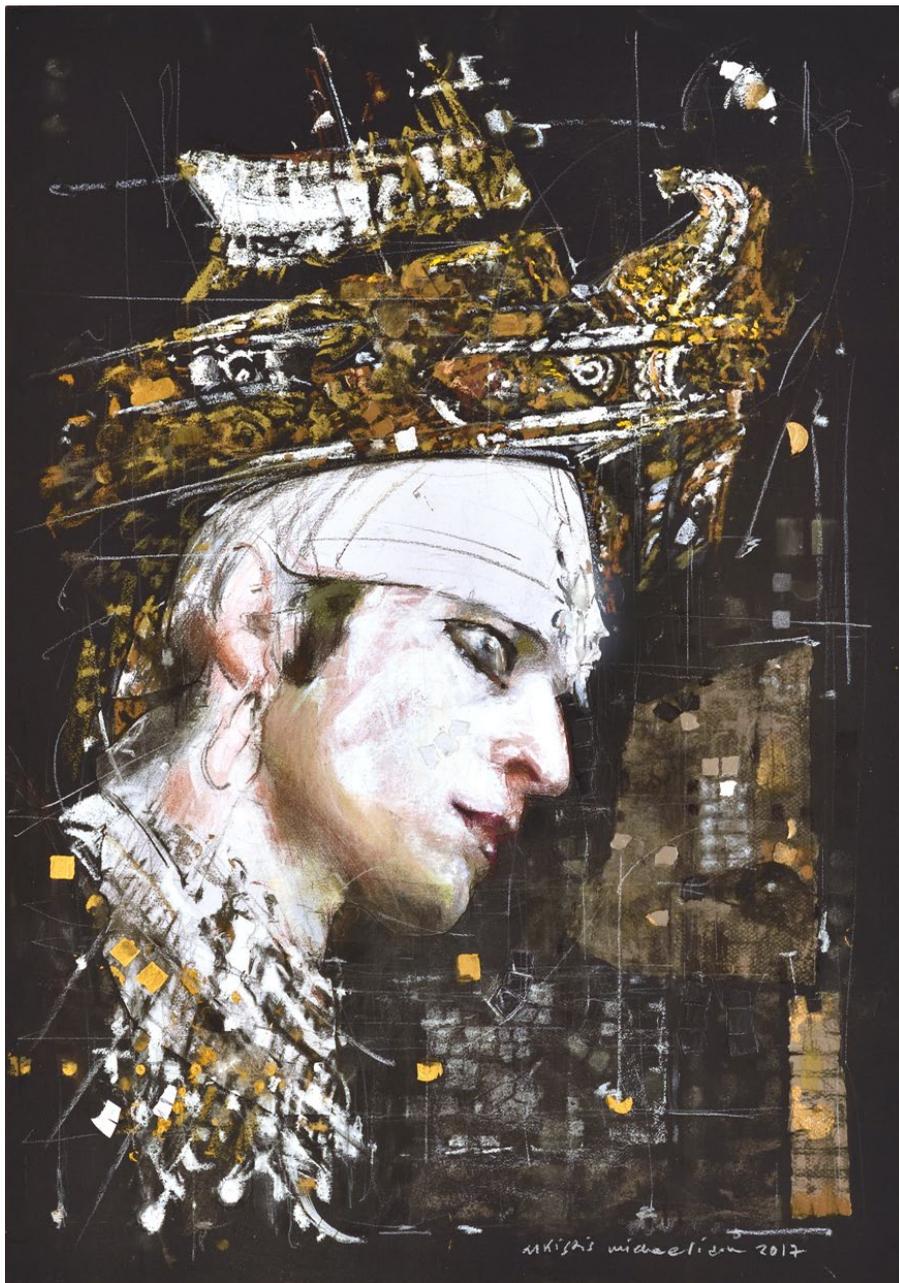
O amigo do Ney, Cazouza (1958-1990), conhecido como o “menino do Rio”, foi o compositor mais jovem do Rock Brasileiro e, ao mesmo tempo, um símbolo de juventude e beleza masculina. Em 1989, ele revelou pela primeira vez que tinha AIDS, que o privou de sua vida aos 32 anos de idade. Reconheceu publicamente que tinha AIDS, com o apoio de Ney, ajudou a mudar as percepções e atitudes das pessoas sobre a prevenção e o tratamento da doença. Aqui, Michaelidou representa o Cazouza como um centauro com asas, com referência ao Pegáso, que chega de Hades triunfante como mensageiro dos deuses. Os planetas, na forma de paisagens coloridas e ilustradas, se aglomeram atrás dele como fãs. A cabeça de Cazouza é reconhecível quase com impressão fotográfica. A restante obra, no entanto, é caracterizada por modos astuciosos, como as pinceladas expressionistas das pernas traseiras, assimiladas pelo fundo expressionista, e outras pinceladas que fazem lembrar notas e a chave do sol. A pintora está preocupada com um modo arritmico de ligar elementos de pintura dissimilares. Para o enquadramento da obra, em primeiro plano, a pintora se apropriou completamente do ramo com flores e folhas do vaso de Pandora.



Centauro na Aurora Azul, 2016. Carvão, pastel e lápis de cor sobre papel (70x50).



Ney muitas vezes levanta-se cedo para ver o amanhecer e as estrelas. Numa entrevista com ele, diz que tais horas imagina os antigos deuses e os milagres tecnológicos contemporâneos. Michaelidou nesta obra apresenta Ney como um centauro a contemplar o amanhecer. Atribui/coloca sua blusa brilhante ao amarrada ao pescoço como um lenço, terminando num pedaço de papel rasgado, para a transição poética para outro estilo. O corpo de Ney é retratado como se jorrasse, brotasse de dentro do centauro. Para o corpo do centauro ela imita um vaso com a simplicidade bidimensional de sua escrita, enquanto que para as patas dianteiras adota o estilo dos quadrinhos com sua narrativa expressiva. Expressa a natureza em primeiro plano com pinceladas que apontam para o expressionismo francês. Retrata a aurora, cuja luz invade no escuro, com o desenho de uma criança em papel rasgado.



Ney com Barco na Cabeça, 2017. Pastel sobre papel (70x50).

Para assinalar as viagens da imaginação multidimensional, multifacetada de Ney, Michaelidou decidiu pintá-lo com um barco na cabeça de um modo surreal. E é por isso que a levou a falar do *mosaico de Sophilos* de Thmuis, no Egito por volta de 200 a.C, obra que a sua amiga Helen Ladia mostrou ao pintor, com a personificação de Alexandria, do Egito, que era um porto aberto para o mundo de então, e usa um barco como um chapéu. É uma mistura estilística com colagem de pedaços de papel que aponta para a estética romântica de Gustave Moreau e riqueza diversificada de Gustav Klimt, misturando o nível do mosaico com o espaço tridimensional da figura. A pose de Ney vem do espetáculo da música *Mulheres de Atenas* (1976) de Chico Buarque. Os eixos estruturais, que enfatiza, são mais linhas de pensamento e menos acentuação formalista.



Minóico, 2016. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

Aqui, Michaelidou compara modelos da beleza — a mulher Minóica e Ney pintado. Na união distingue-se um através do outro. Ney adquire elementos do mural e o fresco elementos do Ney. A deterioração rítmica da superfície, aqui, contribui para a decoração das cabeças. No arco horizontal dos olhos, uma lua lítica danificada multiplica o desgaste decorativo.



Ney na Caverna, 2013. Carvão e pastel sobre papel (105x116).

A razão do trabalho do *Ney na Caverna* foi uma entrevista, na qual Ney pensou no dilema: “no mundo ou na caverna?” O encanto da pintura está na maneira como Michaelidou — a harmoniosa mistura estilística do desgaste abstrato do fundo e a representação realista da cabeça da figura. A artista utiliza a textura de papel rasgado como um relevo que se assemelha à parede da caverna e dá a sensação de um fresco. Esta estética expressa um ambiente primitivo de isolamento e um sujeito de natureza primitiva. Apesar da rugosidade das paredes, imitando superfícies rochosas da Escola Cretense, a sua tonalidade dourada expressa uma devoção Bizantina. Ao longo do seu trabalho domina a lua sem se mostrar, visto a sua fria luz umedecer tudo no papel roxo, e se reflete sobre a face da figura. O Ney apresentado como um Centauro, usando uma touca/elmo de brilhantes como escamas, o que dá uma aparência e expressão de questionamento e afastamento. A sua solidão, no entanto, acaba por se tornar numa festa dentro da natureza.



Primavera, 2016. Carvão e pastel sobre papel (100x120).

A *Primavera* consiste na resposta à pergunta de Ney “no mundo ou na caverna”. Michaelidou encena Ney no mural da *Primavera* de 1650 a.C. do Acrotiri de Thera. Retrata-o numa festa de alegria e vida, socialmente extrovertido. A primavera é, por sua vez, um símbolo de harmonia. A pintora escolheu o fresco antigo como uma imagem ideal da beleza terrestre, como o paraíso. A paisagem rochosa é com linhas ásperas a paisagem do próprio mural. Lírios e andorinhas inspiram Ney a dançar, enquanto as formas inesperadas das rochas fazem com que ele harmonize seu corpo com a natureza. A pintora mistura Ney com a imagem morfológica e cromaticamente, nessa obra que processa num tom de baixa escala.



Ney e Adónis, 2014-2015. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

Michaelidou refere-se à cerâmica grega antiga porque, através dela, os gregos antigos narravam a história da sua cultura. Assim, ilustra em termos da Grécia antiga e imita artificialmente a deterioração do vaso. A reflexão fria e fiel na superfície convexa do vaso refere-se implicitamente à presença da lua, que tem uma luz azul. A partir da imagem original dos Lekithos Áticos de figuras vermelhas no Museu do Louvre, a pintora substituiu Afrodite por Ney e trouxe para perto dele Adonis, o belo jovem e amado de Afrodite, com habilidades na lira e no canto. Numa nova ficção, Ney presta homenagem a Adonis com uma performance. Ney aparece em uma pose característica, dobrando-se com a cabeça inclinada para o público, um elemento inovador que nunca é encontrado dessa maneira num vaso. As duas figuras, Ney e Adonis, sentam-se na fresta do vaso, como se fosse uma corda de acrobacia. Seus corpos compartilham a curvatura da fenda e seu lenço pende/pendurado deste lado tendo como fundo o universo.



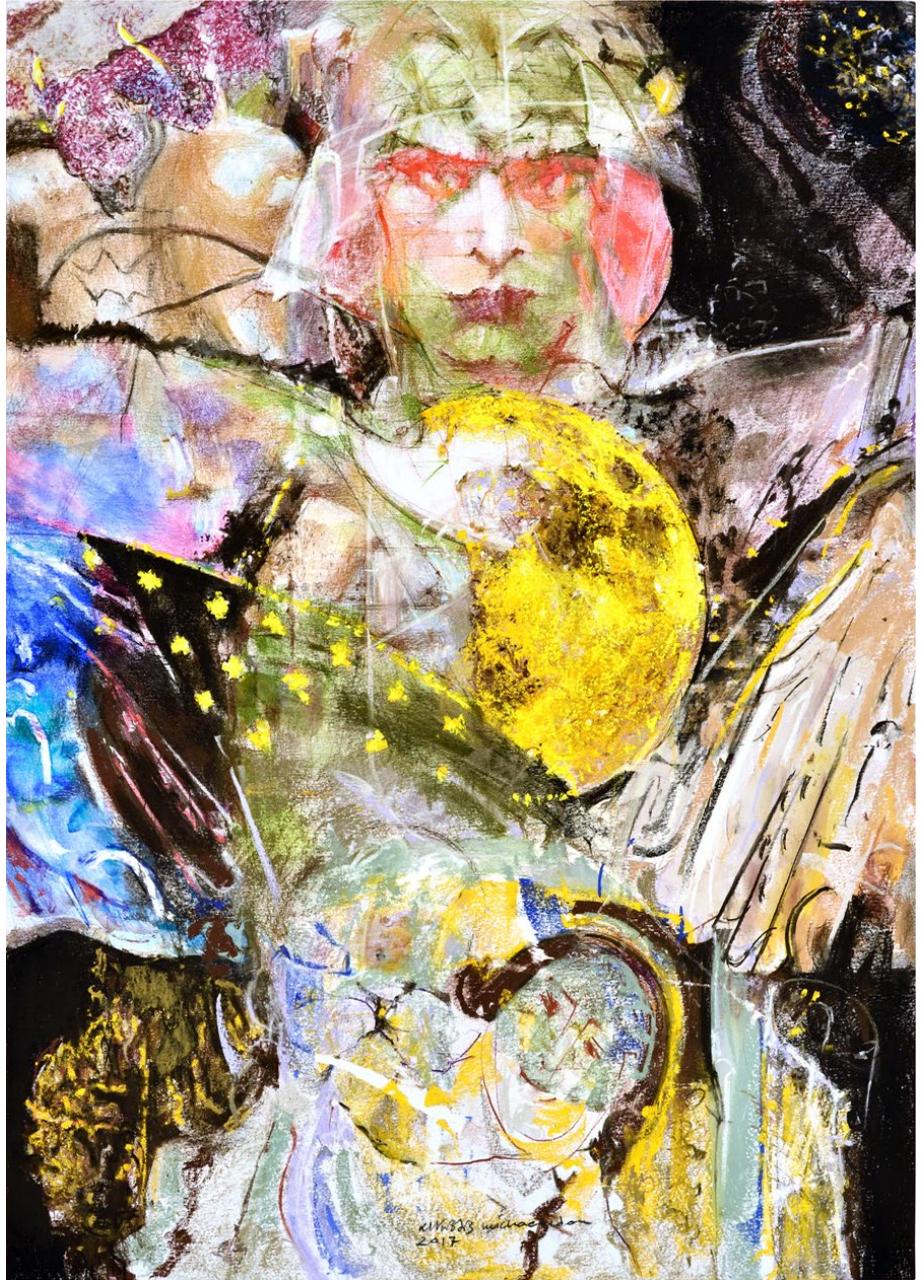
Ney como Potnia Thiron, 2015. Carvão , pastel , giz sobre papel (70x50).

Aqui, Michaelidou inspirou-se num detalhe da cratera de Kleitias, vaso François, de figuras negras, no Museu Arqueológico de Florença, onde Diana é retratada como uma *Potnia Thiron*, (domadora de animais) segurando numa mão a pantera e com a outra veado. Aqui, ela dá o lugar de Diana a Ney. Enquanto Diana agarra os animais de uma maneira dominadora, Ney aparece a acariciar a pantera e o veado que procura atenção similar. A obra envolve a proteção do Ney em relação ao meio natural e aos animais selvagens, característica de Diana. A pintora mantém na parte inferior da figura o manto de Diana, e no topo altera o estilo linear bidimensional numa representação tridimensional. A mistura estilística continua em ambas as mãos, em que uma é linear, adaptada ao desenho do vaso, a outra, juntamente com o rosto, representada intensamente. A pintora atribui asas a Ney prospectivamente para evitar a frontalidade estática de cerâmica grega antiga, e para destacar/sublinhar as capacidades coreográficas.



Ney como Aquiles-Tritão, 2017. Carvão, pastel e têmpera sobre cartão (70x50).

Quando Michaelidou perguntou a Ney se ele tem medo da morte, ele respondeu negativamente, acrescentando, no entanto, que não queria morrer afogado no mar. Sua impressão pessoal é que Ney entende a realidade com uma dimensão poética que mantém distância da lógica, levou Michaelidou a fazer/arranjar uma história pessoal, uma alegoria da morte e da imortalidade. Combinou os mitos de Aquiles e Tritão para poder reconciliar a contradição das suas declarações, lembrando que Aquiles era um vulnerável-invencível. Dado o calcanhar de Aquiles, representa Ney como Tristão, uma personificação do movimento da onda costeira, com uma vulnerabilidade similar na barbatana caudal. Aqui Ney usa um elmo de penas de pavão, um símbolo frequente de suas fantasias, e com isso a pintora intensifica a dimensão imaginária. A cauda de Tritão é baseada em um vaso arcaico. O mar é trabalhado com diferentes estilos entre expressionismo, quadrinhos e hagiografia para representar as ondas. A lua mergulhada na água é combinada com a cor dourada do pôr-do-sol ao fundo. É um trabalho de verbalismo cheio de mudanças densas de estilo e superfícies arranhadas.



Ney como Dioniso-Daemon, 2017. Carvão, pastel e têmpera sobre cartão (70x50).

Com “Dioniso-Daemon”, Michaelidou significa espírito, mentalidade e intelecto. Como tal, Ney aparece frontal e ritualista. Sugere uma criatura sobrenatural de penas de símbolos desgastados no meio de uma noite estrelada. À esquerda de sua cabeça está o busto do Minotauro, enquanto na frente de sua barriga aparece o rosto de Ariadne de um vaso. Dioniso se casa com Ariadne, que ajuda Teseu a vencer o Minotauro. Neste trabalho, a pintora realça o triunfo da vitória sobre o Minotauro, um ser que não ama nem se pode amar. Para Michaelidou, Ney é um Dioniso terrestre. Concorde plenamente com seu espírito, e quando ele o analisou, disse: “Eu adoro o que Dioniso representa”. A pintura combina a sensação de antigos frescos com símbolos vistos como abstratos, além da representação central da lua crescente e da cabeça de Ney, que usa a cabeça do leão.



Ney como Dioniso, 2013-2017. Carvão, pastel, acrílico e spray sobre papel (50x70).

Michaelidou destaca Ney como Dioniso, um deus subversivo, mas nesta imagem particularmente como um arquétipo de felicidade e protetor da arte dramática. Como é sabido, Dioniso teve um duplo nascimento — ele saiu das entranhas de Sémele e da coxa de Zeus. Como deus da loucura sagrada, Dioniso protege o amor liberado e a pansexualidade. Ele deu ao mundo o teatro, salvando Ésquilo de Hades. Finalmente, ele é um viajante e vem de lugares distantes além da lógica. Tudo o que foi referido anteriormente se ajustam a Ney. A artista baseia-se no preto do Kilix, das figuras negras de Exekias move e adultera seus elementos. Na viagem para o kilix, Dioniso aparece sem precedentes como um homem maduro. Aqui, Dioniso, tem o rosto de Ney, mantém as videiras na cabeça e tira sua máscara teatral da água. A trirreme com um mastro de vinhas e golfinhos em torno dele, aqui parcialmente visível, expressa a felicidade. A popa da trirreme se distingue do vaso, mas a artista transformou o navio em um veículo terrestre para inspirar segurança a Ney, que se sente desconfortável no mar. Por cima do barco com rodas, está escrita como no quadro negro a equação de Einstein, $E = mc^2$, que expressa a equivalência de massa e energia. Um barco de papel origami, uma Lua irracional saturada de cores, um segundo planeta arredondado, um golfinho saltando no ar, estão todos desconstruídos, apesar do sentimento de uma única imagem. Predomina a sensação de que a pureza luminosa e a ordem lógica são elementos estranhos ao assunto. Elementos incompletos e concorrentes entre si, brinquedos simbólicos, produzem um trabalho multifocal com uma mistura estilística e um simbolismo indistinto de loucura dionisíaca. Neste trabalho, associando Ney a Dioniso, Michaelidou cria um graffiti anarquista, um ponto absurdo com caráter fragmentário. Assim, expressa o fato de Ney ter derrubado as convenções da vida e da arte.



O Ney e os Cupidos, 2016. Carvão sobre papel (70x50).

Michaelidou utilizou uma fotografia mostrando Ney posando apoiado numa escada. Na pintura, na sua camisa, aparece Zéfiro alado num abraço erótico com um homem. A pintora manteve o desenho estilístico dos antigos vasos nos Cupidos, mas de uma maneira mais livre no rosto e no corpo de Ney. Combina assim um estilo estilístico antigo nos Cupidos com um contemporâneo na cabeça de Ney, de uma forma simples. O Imeros, personaliza o desejo sexual lascivo, tenta seduzi-lo, escondido nas suas costas. Por cima da sua cabeça, um Cupido executa uma cambalhota acrobática. Um outro esvoaça na sua frente tocando flauta. A imagem expressa um erotismo dionisíaco. Os Cupidos são representados como fálicos para indicar prontidão erótica. A frequência e a maneira como aparecem referem-se à rica identidade e às experiências sexuais de Ney. Os Cupidos dentro da obra definem a composição – onde o corpo de Ney termina, continuam as pernas do Cupido. Onde há espaço nos seus movimentos, um Cupido insinua-se. O trabalho é um comentário sobre os movimentos eróticos de Ney no palco e no amor masculino visto a partir de uma antiga perspectiva grega. No canto superior esquerdo, a Lua está implícita, sempre acompanhando a atmosfera erótica.



O Ney e o Minotauro, 2016-2017. Pastel e carvão sobre papel (50x70).

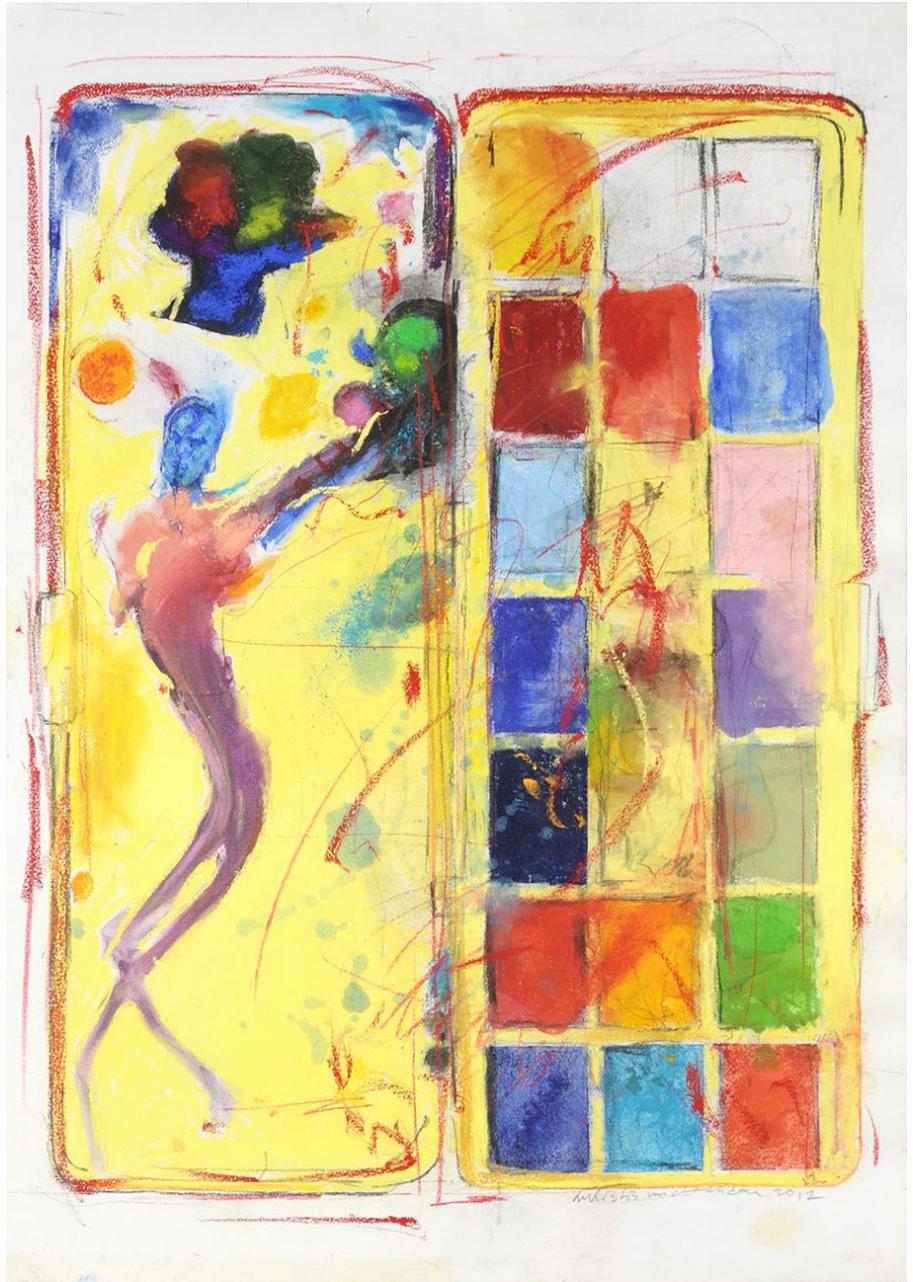
Com disposição para a crítica social, os gregos antigos conceberam o Minotauro como um efeito punitivo sobre a união contranatural de um touro com Pasífae. “O Minotauro nem ama, nem é amado, por isso ele come pessoas”, argumenta Michaelidou. Motivada pela difícil relação de Ney com seu pai, que não o deixava ganhar intimidade com ninguém, a pintora colocou Ney a lutar com o Minotauro/pai como um pseudo-herói de quadrinhos contra o monstro arquetípico — a falta de amor. Representou a forma do Minotauro de dois vasos antigos: um, Museu Getty, Los Angeles, apresenta-o carregando pedras como indicação barbárie, enquanto o outro Museu Ashmolean Oxford, inclui uma cena em que Teseu o mata. Cada versão apanha elementos do outro desde o fundo ao corpo. Brincando com a cerâmica grega antiga como Pop Art (arte popular) dos antigos, tomou por empréstimo elementos pictóricos da arte de quadrinhos e representou a cena de um modo progressivo, fiel aos contornos do vaso no lado esquerdo e mais expressionista para a direita. Assim, reflete a luta entre o conservadorismo e o progresso. Para a forma de Ney como Teseu ela usou uma fotografia de Ney da apresentação do *Rock no Rio* (2015), onde usa cordas em vez de roupa e calças de leopardo como Hercules vestido de peles. Une Ney e o Minotauro com essas cordas, como um nó górdio — emocional. À esquerda, uma Lua ardente expressa agressividade como uma bala de canhão. À direita, os dois protagonistas repetem, desta vez com a ambiguidade criada pela liminosidade intensa. A artista desconstrói a superfície ao reunir num fundo cinco estilos diferentes — a fidelidade relativa da cerâmica grega antiga, a dinâmica futurista, o expressionismo, o cubismo, e banda desenhada.



Zéfiro, 2016. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

Michaelidou apresenta Ney como Zéfiro, o mais amado e benéfico dos ventos. Ney começou a viver o amor como uma necessidade física essencial, e mais tarde ele também queria o calor emocional e a realização da verdadeira abordagem psíquica. Zéfiro, que orienta a Alma para os palácios de Eros, como uma ideia, decorre a distância psicológica que a pintora acha que Ney estava experimentando. A pintora baseou seu plano no relevo de Zéfiro na Torre dos Ventos em meados do século I a.C na Ágora romana de Atenas. O desenho é livre e nervoso por escrito, leve, apesar da escuridão que contém, visto que é trabalhado sobre papel preto, com uma gama de quatro cores antigas – branco, preto, terracota e ocre. O estilo é fortemente ilustrativo e firme na cabeça de Ney, e expressivo e livre nas pernas e nas asas de Zéfiro. No centro há um contorno de luz na escuridão, o traço da Lua.

Aspectos do Caráter de Ney
na Vida e na Arte



O Ney dançando na minha paleta, 2012. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

Michaelidou conhecia Ney desde 2010, e cada vez mais observando-o e revelando-o em todos os lugares. Num certo momento, quando as aguarelas se derramaram na paleta de uma amiga, uma forma lembrou-lhe o corpo e as pernas de Ney em movimento. Na forma livre que ocorreu acidentalmente na paleta, adicionou apenas uma mancha azul como uma cabeça. Ney surgiu de onde ela não esperava e transformou sua própria paleta. A pintora reconhece que, graças a Ney, amou novamente as combinações de cores intensas e quase selvagens que expressam o sentimento da vida. Ney incitou a cor porque, como diz Michaelidou, “tem os tons de caráter mais ricos que já conheci, com qualidades quase contraditórias entre si”. Assim, despertou através da pintora um eu lúdico, invulgar e subversivo. Libertou-se de um conhecimento pictórico e apoiou a sua obra com um jogo — o de misturas estilísticas subversivas, uma ávida procura de combinar diferentes elementos. É por isso que repintou a paleta como um desafio visual.



Como um Conto, 2012. Carvão e pastel sobre papel (50x36).

Com o título da peça, *Como um Conto*, Michaelidou se refere à relação tenra e quase infantil de Ney com os animais. A composição é sobre elementos dissimilares que só se encontram graças aos mecanismos de um mundo de conto de fadas. Todo mundo é uma criança em potencial, que joga sob sua própria lua cheia. Assim, Ney aparece pela primeira vez com sua gata, Rita, que tanto amava. Um olho negro com uma linha vermelha enfatiza a dor da sua morte. No canto inferior do lado esquerda, é uma girafa ao lado de uma árvore com de um desenho infantil de um aluno seu. Do outro lado, há outro desenho, com origem na internet, uma criança pequena sujeita à psicanálise, e apresenta uma cabeça com mãos e pés. Aqui, é aponta configuração alternativa, como numa pintura infantil. A verdade reside no fato de que as soluções não estão prontas, mas inventadas com a quantidade e qualidade de luz e cor, o tamanho e as proporções de linhas formas e suas combinações. Aos olhos da pintora, parece fabulosa a maneira como Ney procura abrigo na floresta fazendo amizade com os animais, como se fosse outro Mogli. Michaelidou, continuamente experimental, em cada seu trabalho quer multiplicar suas soluções.



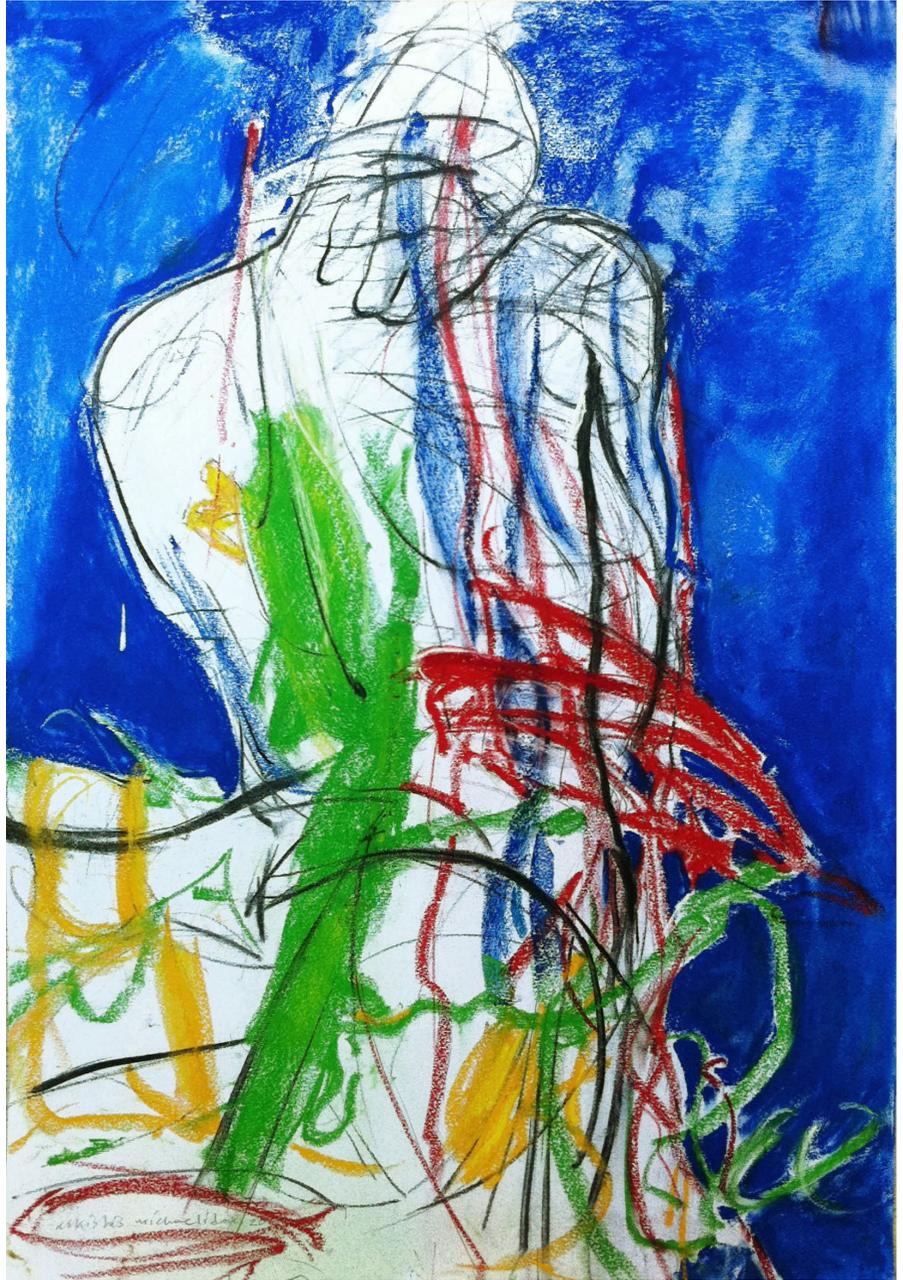
Centauro em Floresta que Arde, 2013. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

O trabalho *Centauro em Floresta que Arde* é o primeiro de uma série de Michaelidou onde Ney é retratado como o Centauro, o híbrido mitológico que combina homem e cavalo. Historicamente, os centauros provem da Tessália, um país de magia e das bruxas, onde os imaginários Tessálios, quando viram pela primeira vez seus primeiros cavaleiros, pensaram que eram híbridos. Ney é idealmente oferecido como um Centauro porque não faz parte do mundo comum, mas de uma categoria de pessoas que são particularmente relacionadas com elementos particulares da natureza, já que seu modo de vida e existência é híbrido. Aqui, torna-se Centauro que defende uma floresta que arde. Exatamente como ele defende o patrimônio natural da Amazônia, desempenha um papel de liderança em movimentos ecológicos e opõe-se a todos aqueles que destroem a natureza. A floresta é executada com um desenho infantil, semelhante às localizadas no expressionismo Alemão. A cabeça é-lhe atribuída de um modo fiel. O cavalo com a forma plana faz lembrar o vaso de uma maneira original e prossegue num design contemporâneo ocidental para o tronco e cabeça. O plano de fundo de quatro manchas planas monocromáticas oferece a gama de pintura de uma pintura de criança, variação de pintura feita por uma criança sua conhecida. O fato de que Ney fazer parte de uma pintura de criança, dá-lhe uma dimensão irônica, como um protagonista num conto de fadas. É um outro momento raro onde Michaelidou prefere a combinação explosiva de cor contra a sua estética anterior.



Jovem Centauro recorda a sua Infância, 2013-2014.
Carvão e pastel sobre papel (70x50).

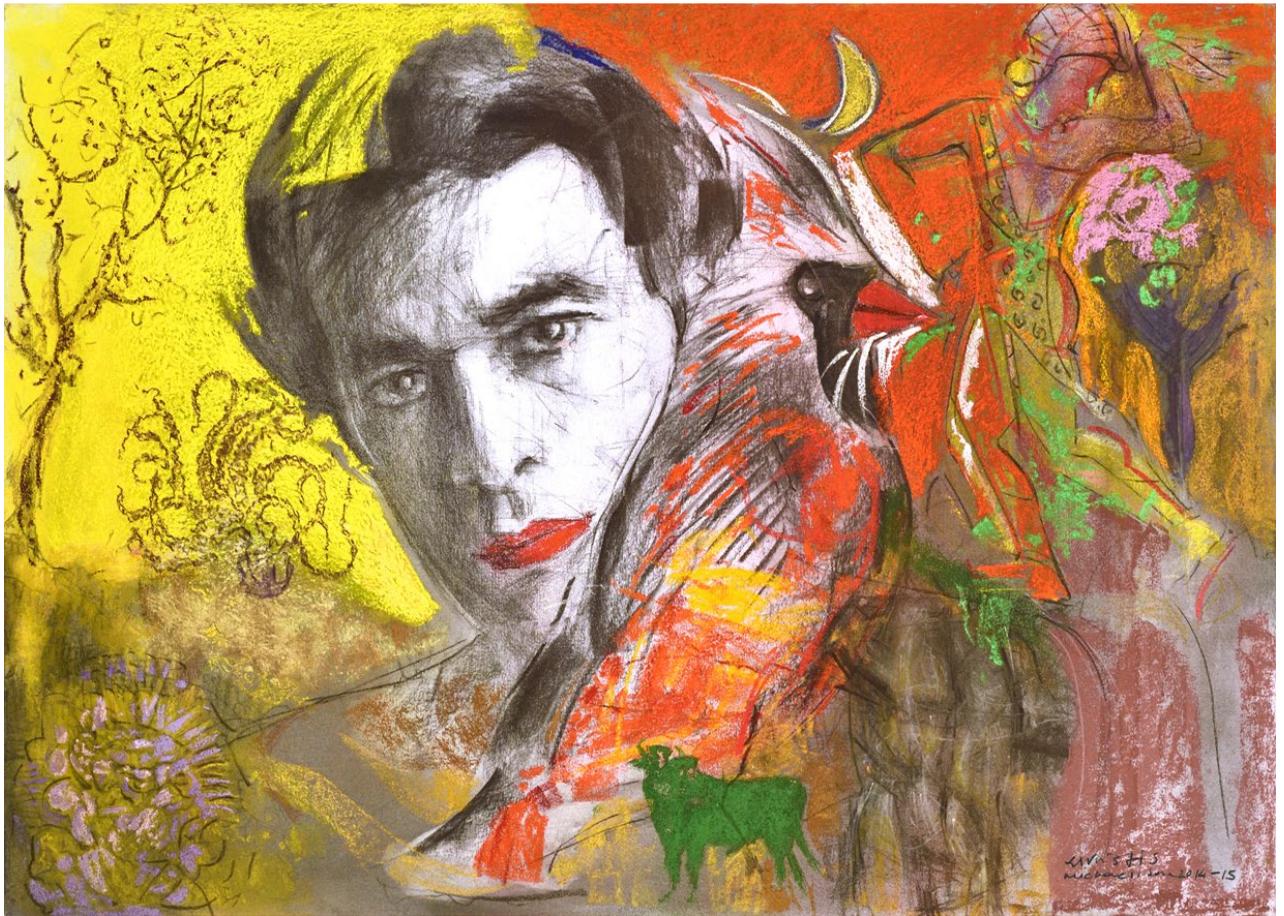
Num ambiente infantil de rabiscos, o jovem Centauro recorda sua infância, sentado na erva. Usa a máscara familiar branca que Ney costumava ter nos espetáculos desde o início de sua carreira. Mostra como foi influenciado pela sua juventude ferida, constrangida e pensativa. Michaelidou ouviu numa entrevista que seu pai, que era um oficial da Força Aérea, o ameaçou na infância com revólver porque eles tinham tido uma discussão e queria que seu filho entendesse o que significava força/poder. Seu pai aparece com duas bandeiras pequenas na cabeça e sua mãe, uma figura feminina assustada, mas obediente, que se submete ao marido, com os cabelos levantado. Tudo é confuso em muitos rabiscos, que significam sua inocência infantil. Dentro de uma mancha azul está escondido o revólver. Michaelidou usa essa mistura estilística para enfatizar a dimensão psicológica. Contrasta um Centauro representado tridimensionalmente dentro de um ambiente expressionista para expressar a complexa infância de Ney.



Centauro Solitário, 2014. Carvão e pastel sobre papel. (70x50).



Michaelidou apresenta Ney de costas para o Centauro, segurando seu ombro num momento de introspecção. Sua atitude, expressa introversão, provém do cartaz para a canção *A Rosa de Hiroshima* (2000). O desenho da silhueta tem algo estranho. O movimento do corpo internamente apenas está implícito. Embora seja fiel no contorno, dentro dele explode um caos de rabiscos. O azul que domina a composição, expressa uma profunda melancolia no meio da vida. A obra, com referência à idade juvenil de Ney, move-se nos limites do expressionismo abstrato, dá à pintora a oportunidade para percorrer ainda mais a mistura, variedade e condensação de estilos visuais. O tríptico do conjunto de Centauros acima mencionados registra esta pesquisa.



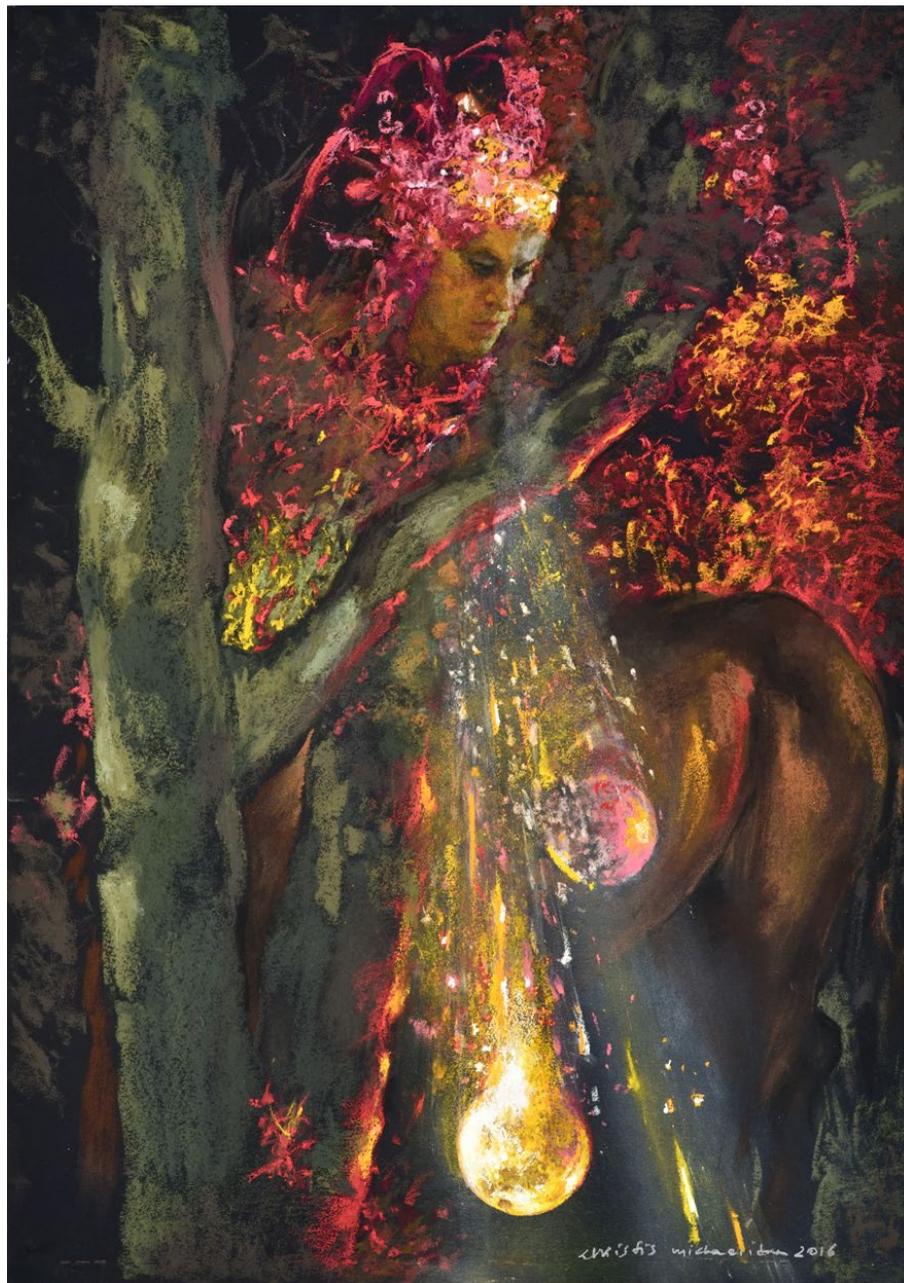
Microsímbolos de Erotismo, 2013-2014. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

Michaelidou apresenta Ney, de uma fotografia da internet quando era jovem, rodeada de símbolos do erotismo. No centro, a composição é ocupada pela familiaridade entre Ney e o pássaro. Os lábios de Ney e o bico de pássaro são vermelhos. O rosto de Ney e a crista do pássaro são brancos. Dioníso, de um antigo vaso grego com cores da pintura cósmica, oriental, dança em música ritual. Perto dele, uma cereja florescida com flores brancas. Em primeiro plano, um tronco masculino escuro enfatiza a masculinidade de Ney e sua preferência erótica pelo sexo masculino. Um touro, cuja domesticação o tornou verde, simboliza o amante dinâmico. Abaixo à esquerda, aparece turvamente um símbolo indiano do deus do amor em tom de púrpura. O polvo, que é conhecido, por namorar constantemente, torna-se na sua forma Minoica um símbolo do erotismo. A enciclopédia pictórica termina com uma cerejeira Japonesa, sobre um fundo amarelo que perdeu a sua estimada folhagem para se suportar o inverno. A cor vermelha e amarela, separadas transversalmente, aumentam sua intensidade e oposição para acompanhar a natureza contrastante da vida amorosa de Ney. Portanto, o relacionamento de Ney com o pássaro significa sua união idealizada com amor e vida. Este trabalho é uma colagem sofisticada de símbolos, ocultas e visíveis, ideias combinações de Michaelidou.



Conspiração de Elfos, 2015. Carvão e pastel seco sobre papel (50x70).

Por ocasião da sua frase irônica “namoro com pássaros”, Michaelidou apresenta aqui Ney no meio de aves Arara. Símbolo do Brasil, a Arara é um dos papagaios mais espetaculares pela sua plumagem colorida específica que é tão única quanto uma impressão digital humana. A crista e os chifres de todos eles se referem à sua personalidade exótica e sobrenatural. A mistura estilística encontra-se num estilo diferente para cada Arara, que é um comentário sobre o caráter distinto de cada um — os azuis centrais e tricolor são estritamente representacional, o diabo azul da extrema direita ocorreu com disposição irônica de caricatura, o primeiro plano linear representa um alvo na asa, enquanto uma forma redonda de cor rosa à direita, é percebida como uma subtração da cabeça de outro. Além disso, cada Arara se destaca com a sua diversidade — a vulnerabilidade é camuflada como um alvo, o vermelho central que é sábio conversa com Ney, o líder é o maior de todos, o impessoal é deixado de lado, o diabo azul por trás do canto direito, espreita. No ponto mais luminoso do fundo há outra Arara amarela enorme que domina a composição. Especialmente a rara Arara azul no ombro de Ney significa sua felicidade e boa sorte. Ney é apresentado com um rosto colorido, como Arara. A obra fala de uma comunidade de diversidades. O olhar Ney provém de uma imagem na Internet com olhar indecoroso que parece propor que se cometa uma conspiração. Todos eles conversam como elfos. A transição de estilo da representação para a subtração passa para uma gama de cores extrema. Ney toma emprestadas as cores da Arara e as assimila. A paisagem do Rio em segundo plano progride linearmente, com a suspeita da Lua concedido com um pequeno círculo no centro da linha branca.



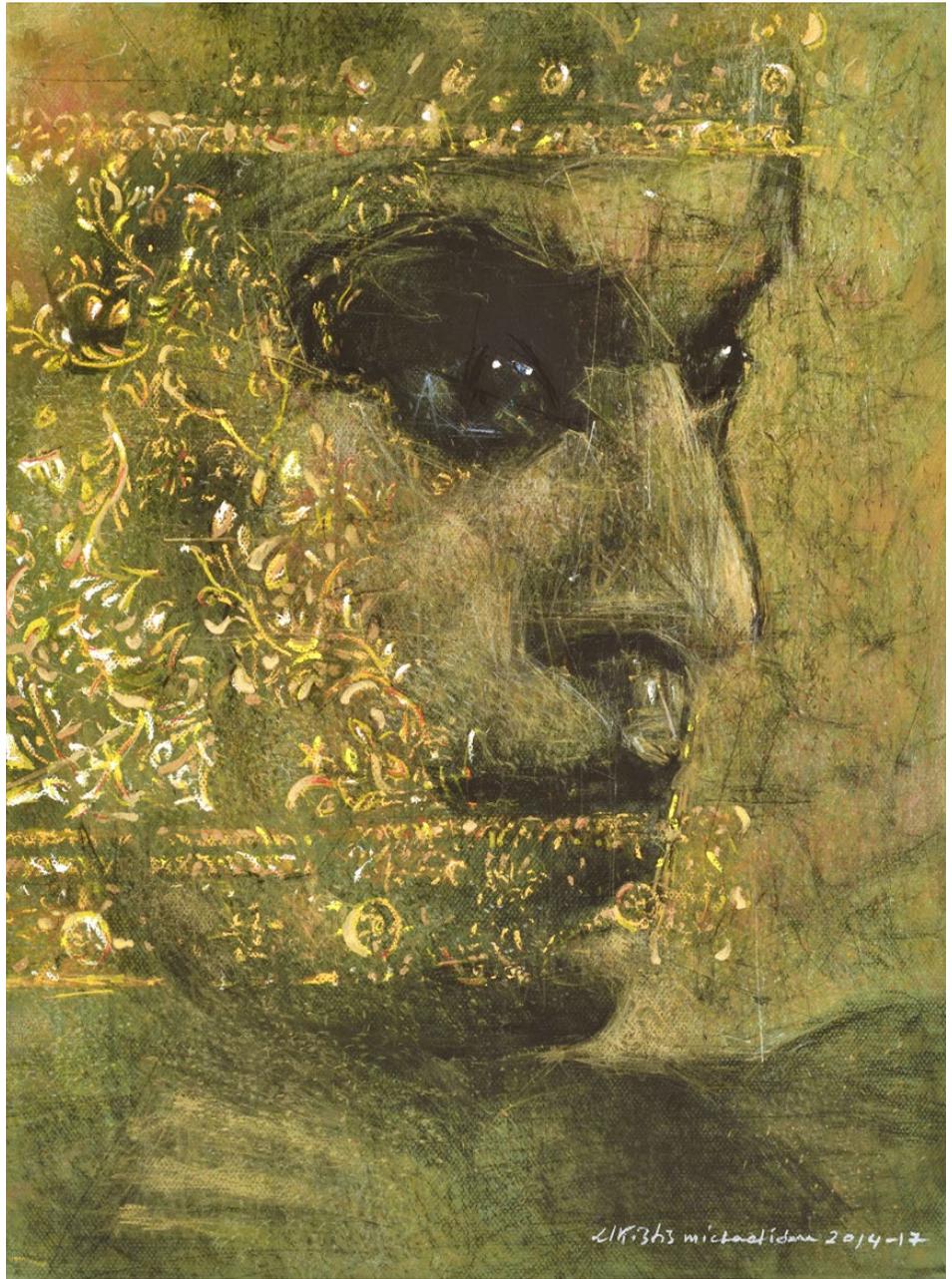
Centauro vendo Luas a Cair, 2016. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

Michaelidou está preocupada com a ilustração em si. A questão mitológica é renegociada, ilustrando, claramente desta vez, seu conto de fadas com o centauro que está dentro de uma floresta que pegou fogo, referindo-se à destruição moderna do meio ambiente. As luas flamejantes que caem indicam que a ordem cósmica foi arrasada. O interesse especial de Ney com a proteção da natureza é visível em extremo na obra, mas é apresentado de maneira fantasiosa como um conto de fadas para crianças. Ney tem um forte relacionamento comunicativo com as crianças e também cantou com elas. Poderia muito bem ser uma estrela de conto de fadas. Gosta da natureza, e em sua casa na floresta mantém um refúgio para os animais selvagens.



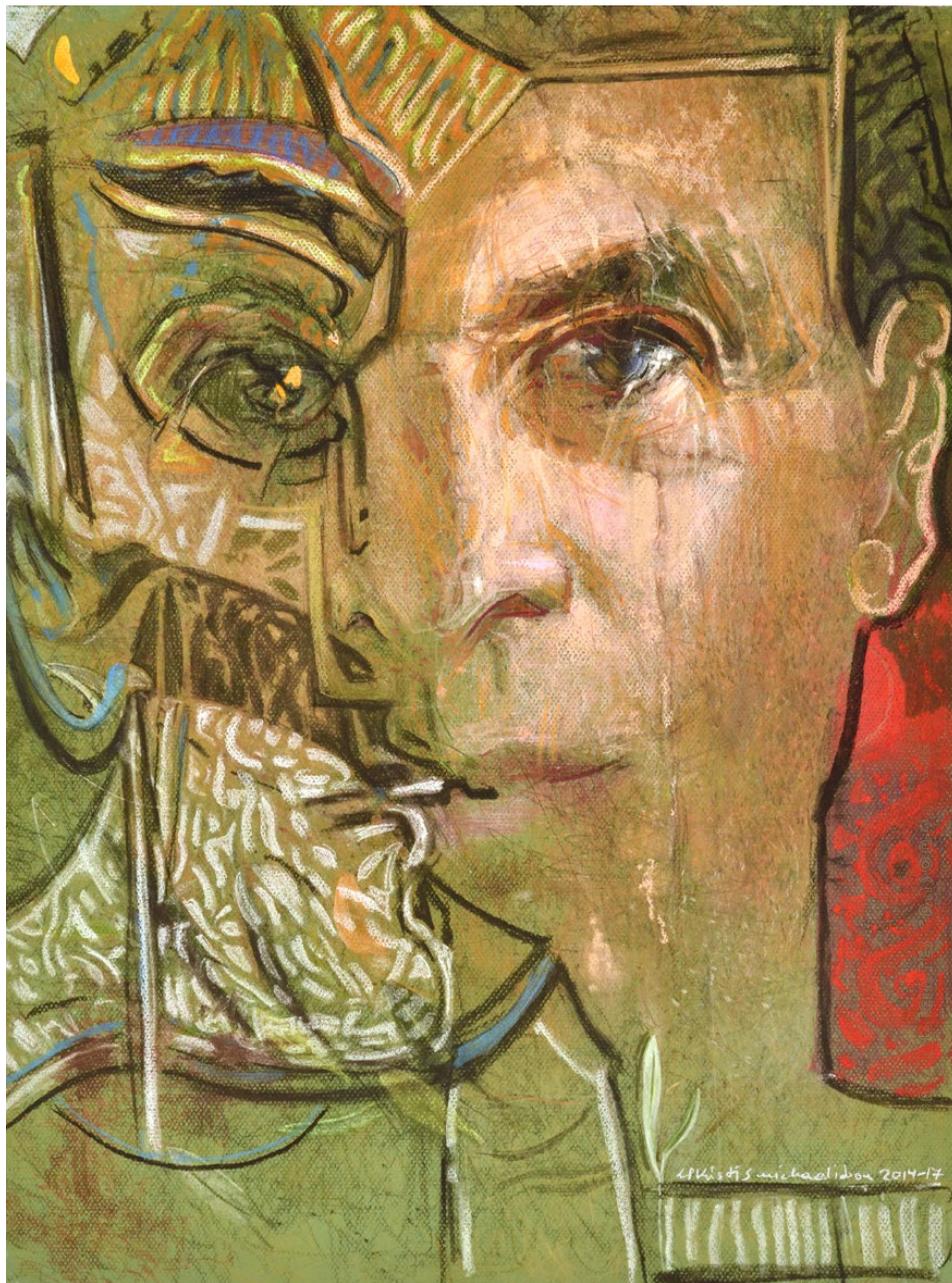
Sonhador, 2016. Carvão, pastel e aquarela sobre papéis (50x70).

O *Sonhador* foi influenciado por duas canções de Ney — *Sonhador Sonâmbulo* (2009) escrito por Tono e *Duas Nuvens* (2003) de Tiago Torres da Silva e Pedro Jóia. É uma imagem de sonho que apresenta a cabeça de Ney na forma de uma aparição, voando no horizonte do mar do Rio de Janeiro. Uma nave espacial puxa com uma fita vermelha o rosto de Ney juntamente com a Lua. A nave espacial é desenhada como um avião de papel infantil. O rosto de Ney provém de uma fotografia quando ele era jovem num momento de relaxamento. A Lua se torna a noiva de Ney que o acompanha com a sua luz. Tudo está conectado com o fio, que é o caminho de um pensamento que escapa do mundo e segue sua própria órbita. As diferenças de estilo, mínimas e discretas numa composição talvez clássica, são atribuídas ao papel preto com uma colagem branca para a Lua e para o avião de papel.

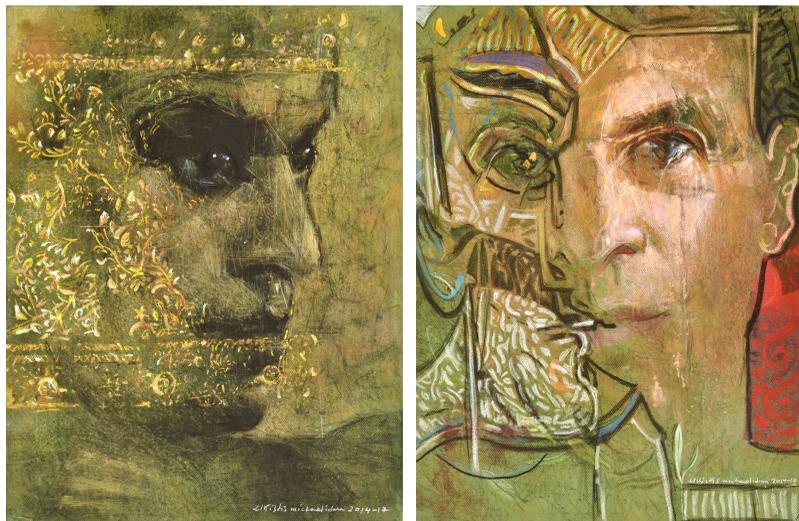


Ney Arcaico, 2014-2017. Carvão, pastel e têmpera sobre papel (70x50).

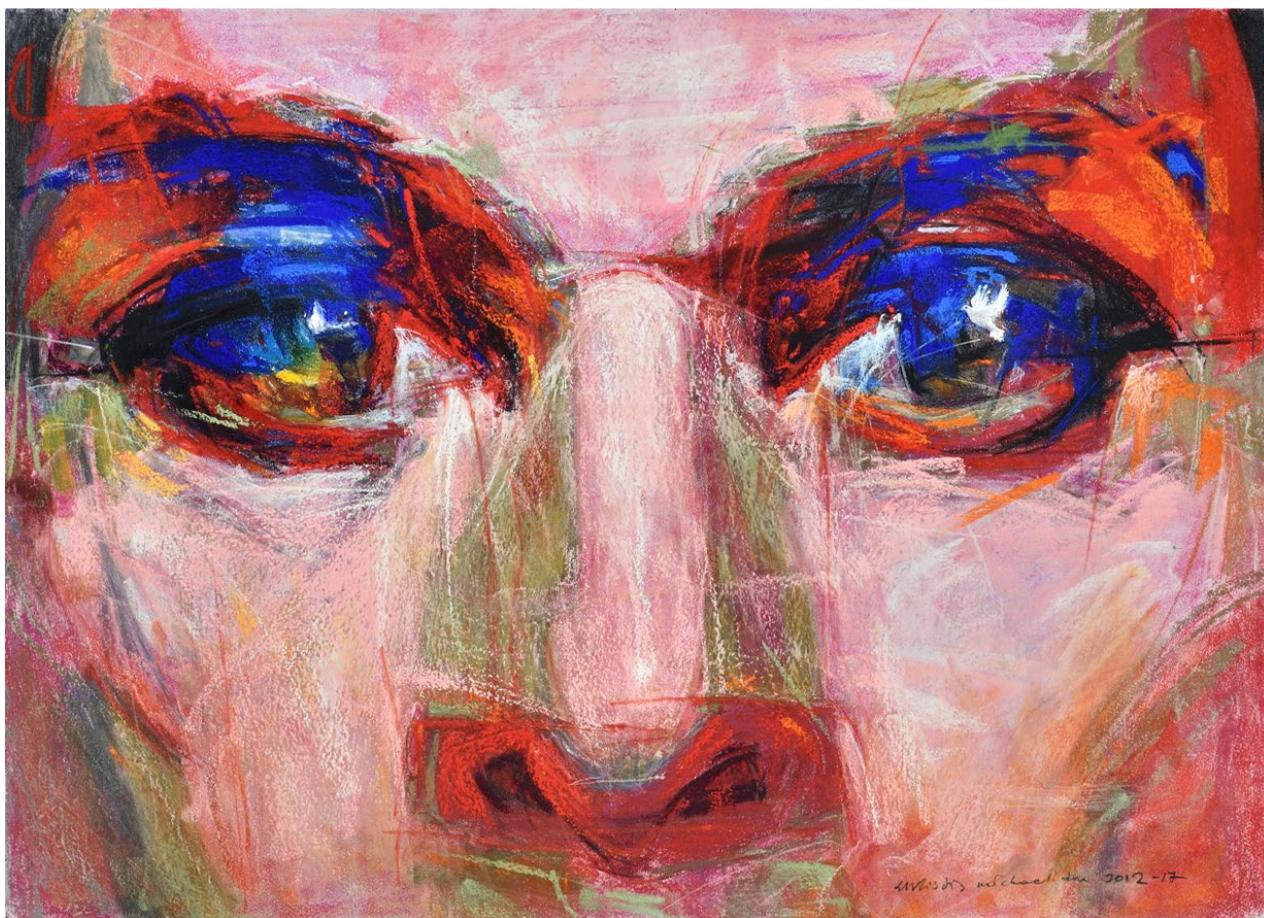
O *Ney Arcaico* está ligado ao *Cocheiro de Delfos*, uma estátua de bronze de cerca de 470 a.C que, sendo simples e rigorosa, expressa admiravelmente o mundo interior e o comportamento interno do atleta. O movimento do ombro denota que segura rédeas. Michaelidou pintou o rosto de Ney em cores bronze. Reconhecível também na antiga estátua é a fita da vitória que usava à volta da cabeça e o capacete que usava, que estão marcados por um véu transparente com a decoração floral dourada. A pintora desenhou seu retrato com intensidade e concentração no olhar, com o trabalho de design muito apertado, principalmente sobre o rosto e relaxamento para os lados. Como outro *Cocheiro*, Ney conduz a sua arte com um objetivo que atinge.



Neocubista Ney, 2014-2017. Carvão, pastel e têmpera em papel (70x50).



Neocubista Ney é um composto de dois estilos e é um díptico com o trabalho anterior. Metade do rosto é um desenho clássico de representação fiel com a representação de um olhar calmo. A outra metade é contornada por uma seção do desenho de Picasso, falsificada em suas qualidades internas. Michaelidou usa-o para formar o perfil cubístico e mesclá-lo com a parte representacional. A representação cubista é parece transformar-se numa figura de perfil que pertence à fachada, mas ao mesmo tempo o abraça. É um trabalho neocubístico, um comentário sobre a personalidade multifacetada da maturidade de Ney, bem como o amor que ele recebe de compatriotas e estrangeiros. O trabalho é inspirado na música *Metamorfose Ambulante* (1983) e se refere à dimensão transformadora do homem. As letras dizem: “Eu prefiro ser / essa metamorfose ambulante / em vez de ter essa opinião formada sobre tudo / se hoje eu te odeio, amanhã te tenho amor / eu te amo, eu tenho medo / eu sou um ator”.



Para a Liberdade, 2012-2017. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

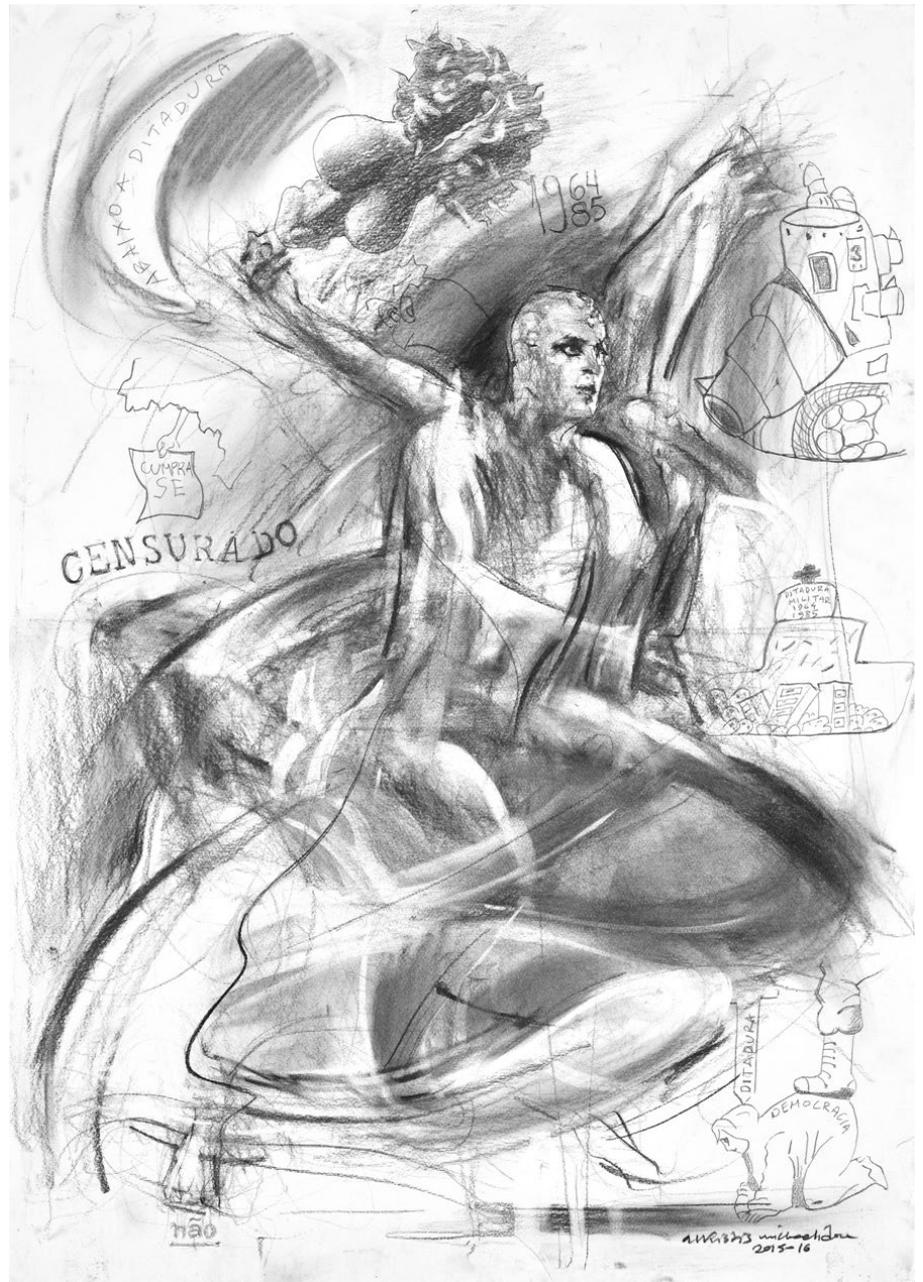
Michaelidou focou num detalhe do rosto de Ney a partir de uma foto instantâneo do espetáculo em *Tico tico no Fubá* (2011). Com gestos livres e cores muito ardentes, dá uma aparência intensa, com fogo nos órbitas bochechas aborígenes, narinas proeminentes e sensíveis. Aproximando-se do olho direito, é possível observar, na reflexão da luz, a representação fiel de uma pomba branco, símbolo universal da liberdade e da paz. O próprio Ney acredita fielmente na liberdade. A pintora lembrou-se da afirmação de Péricles de que “a liberdade é a certeza de conquistar somente aqueles que têm a coragem de defendê-la” (Péricles, *Epitáfio*, 2.43.2-4). Para Michaelidou, a liberdade é uma componente de Ney e uma bandeira de sua existência. Assim, a pomba é como se estivesse contida em seu olhar, coisa que o espectador entende apenas se ele se aproximar o suficiente. A pintora expressa a paixão de Ney por este valor supremo com o estilo expressionista da imagem e a cor vermelha. Além disso, sugere a dimensão deste valor na pomba em estilo realista. Este trabalho foi feito para que os dois estilos de pintura fossem reconhecidos em diferentes momentos pelo espectador.



Vi a verdade de cada lado, 2014. Carvão, giz, pastel e lápis sobre papel e PVC (70x50).

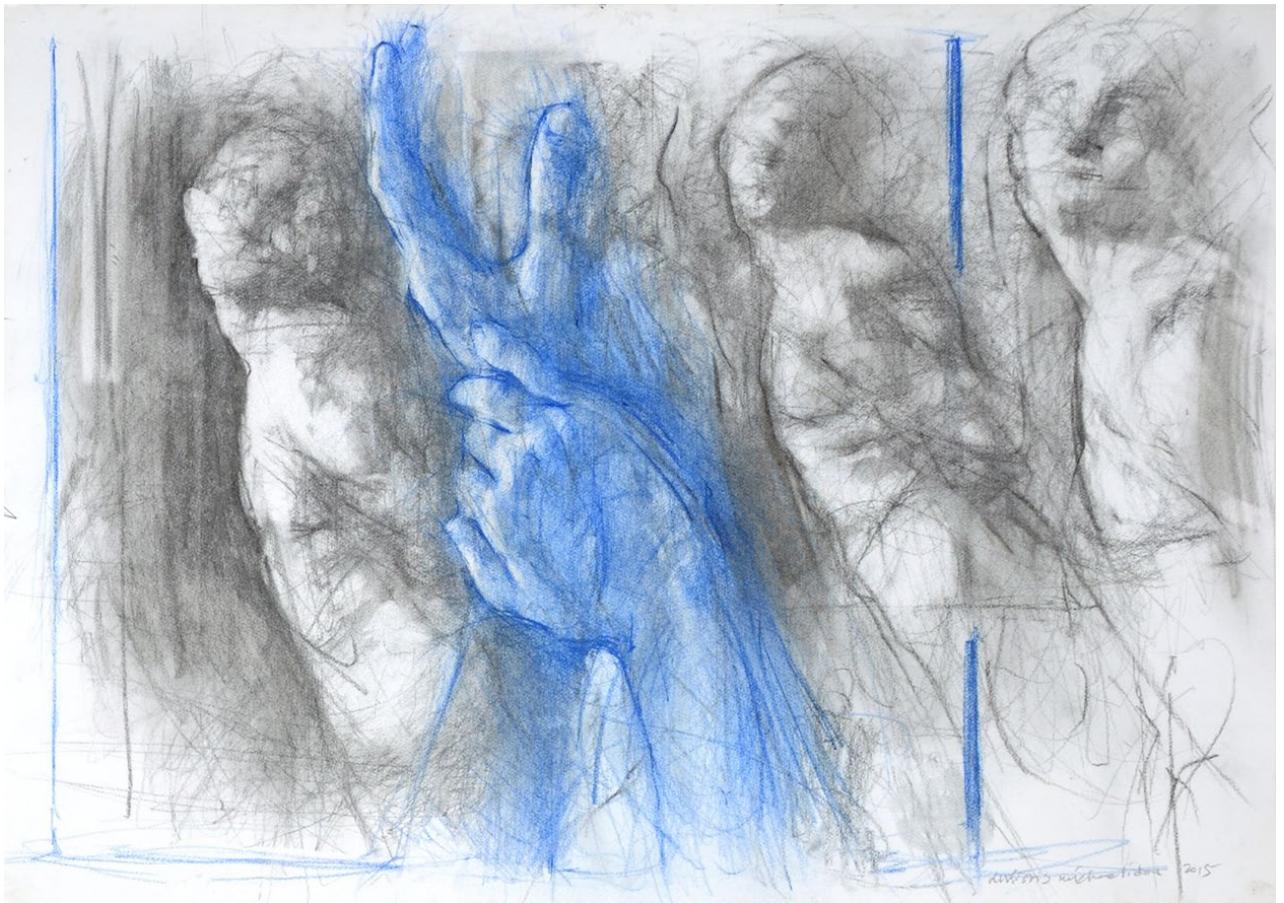
Numa entrevista, Ney afirma: “Eu vi a verdade de cada lado”. É uma auto-explicação, de alguém que não tem medo de se ver a si mesmo. A verdade, toda a verdade, para Ney é primordial, é de suma importância, principalmente o de se conhecer a si mesmo. Ney defende o direito de se expressar, julgar e viver bem. O fato de que a identificação da verdade parece impossível porque ela está escondida em muitas coisas, e em diferentes aspectos. Para Ney, o que conta é a busca pela verdade, embora reconheça que é complexa. Michaelidou apresenta Ney com olhar pensativo refletido numa bacia de metal. A água e a lavagem têm significado purificador e o lavatório significa a experiência do rebatismo psíquico. Tendo a verdade interior no pensamento, a pintora escreveu no espelho a frase “Eu vi a verdade de cada o lado” metade reflexivo de um lado e metade no outro — um simbolismo do que desconhecemos, do que aprendemos observando dentro de nós mesmos, de nós mesmos e daqueles que intencionalmente ou não descobrimos.

Presença no Palco



O Vira, 2015-2016. Carvão, giz e lápis sobre papel (70x50).

Na *Tropicália* (1967-1969) Ney apresentou uma sexualidade andrógena, instigante e como símbolo de coragem e ousadia no período negro da ditadura militar (1964-1985) no Brasil. Ele também imitou animais em seu erotismo e agressão. A cena descrita vem da música *O Vira* (1997) na qual Ney estava girando com uma saia de franjas longas. Michaelidou representou-o com quatro mãos — uma segurando o microfone, a outra interpreta expressivamente as letras das canções, e o resto tremia em êxtase no espaço. A coragem de Ney é simbolizada pela escultura *HermAphrodite* (2000), escultura de Megakles, na forma de desenho que o segura como se fosse um ramo de flores. Ao fundo são apresentados dois desenhos infantis que analisam o período de ditadura na sua escola — no topo de um tanque no meio de um cemitério com o slogan imperativo “Obedeça” e mais abaixo à direita uma figura personificada com corcunda, onde está impressa a palavra “Democracia” para se inclinndo ao peso de uma bota militar e uma espada com a palavra “ditadura”. A palavra “censurado” se move na direção da roupa de Ney. Apenas a figura dançante implica um espaço tridimensional, o resto se assemelha a grafites espalhados flutuando contra uma parede que enquadra Ney. De maneira provocativa, cuja dimensão expressiva está sempre associada com a natureza, Ney alista as formas de instintos, sua reação pessoal e o protesto social contra o conservadorismo e aopressão.



As mãos do Ney, 2015. Carvão e lápis de cor sobre papel (50x70).

No fundo da composição aparece o *Escravo Revoltado* de Michelangelo (1513) aparece com as mãos amarradas nas costas, tentando libertar-se dos grilhões. A linha vertical azul aparente, como se estivesse perfurando-o ou mantendo-o amarrado, destaca um estado de falta de liberdade. Na reabilitação das mãos da estátua, que estão fora de vista, Michaelidou representa em primeiro plano as mãos de Ney amarradas, segurando uma mão a outra simbolicamente, significando sua libertação. A tonalidade azul do design e a vinculação simbólica das mãos comprometem-se a expressar tristeza, protesto e persistência na defesa da liberdade. Ney defende os direitos dos negros e dos pobres em todo o mundo. É principalmente um trabalho documental com uma apresentação simbólica múltipla da famosa estátua que simboliza a rebelião contra todos os tipos de escravidão ao longo do tempo. O trabalho está ligado à música *Rua da Passagem* (2013) que diz: “Todo mundo tem direito à vida / Todo mundo tem direitos iguais”.



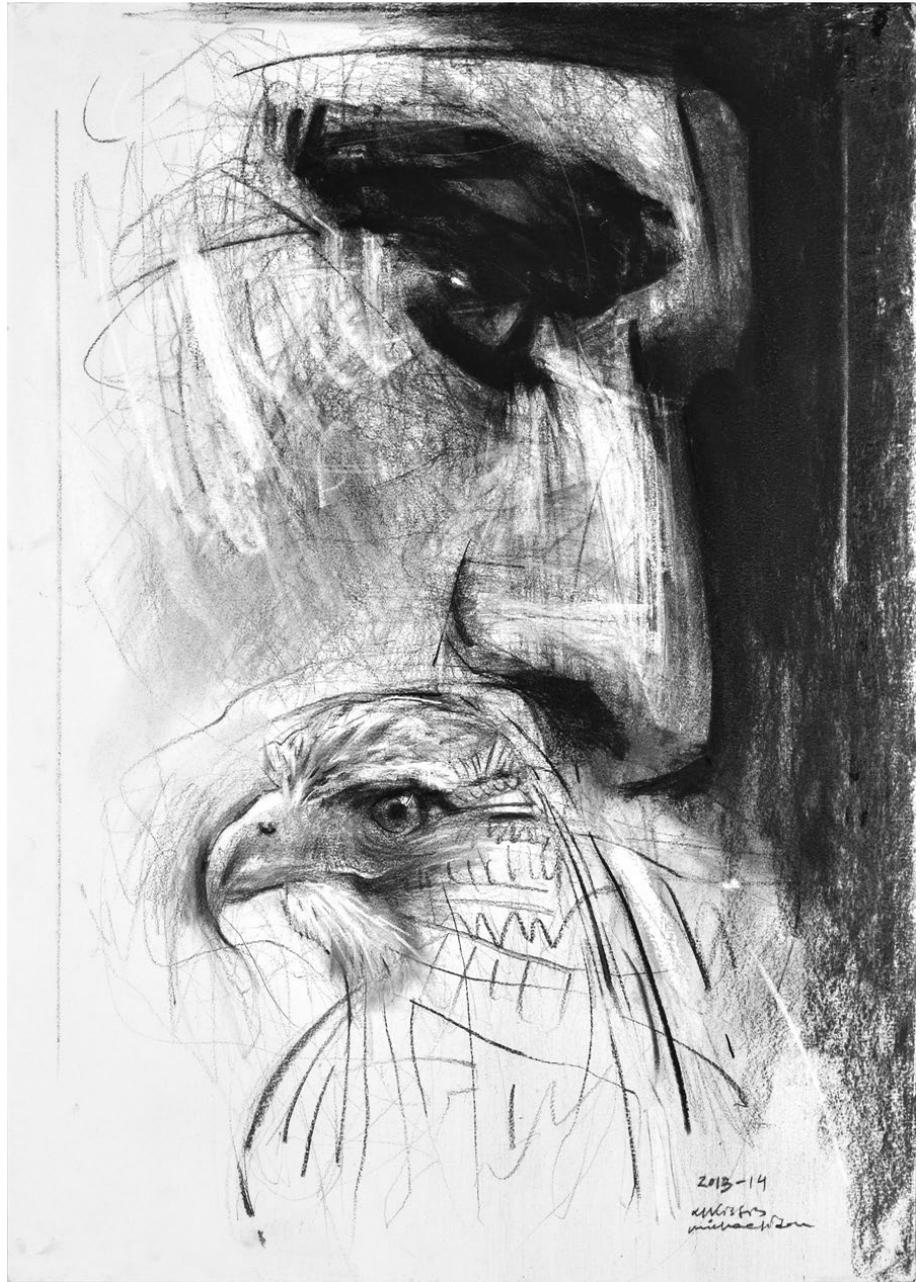
Crista, 2014-2017. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

“Meu lado oriental” disse Ney comentando a impressão que lhe fez este trabalho. Michaelidou chama a isto de Crista, simbolizando o brilho e poder da arte diversificada para os quais ele existe e compartilha com o público que ele ama bastante. Uma decoração composta por motivos de todos os géneros, rítmicos, arrítmicos, contemporâneos e antigos, peças das quais se assemelham a faiança azul, pintura Van Choch, motivo popular de Portugal, e os seus próprios desenhos — lua crescente azul e flores vermelhas. A artista queria compor estilos diferentes de modo a não se assemelhar a outras decorações conhecidas, já que as referências estéticas de Ney são uma composição de sua própria imaginação, feita a partir de muitas coisas diferentes. Dentro de seu véu é reconhecido Nijinsky, que está dançando espalhando chamas em torno da cabeça de Ney. Nijinsky é, entre outras coisas, uma das referências estéticas de Ney.



Ney como Homem-Pássaro, 2014. Carvão e giz sobre papel (70x50).

Michaelidou representou Ney vestindo uma roupa de penas como ave humana em várias apresentações — *América do Sul* (1975), *Não Classificados* (2007) e outras. Com a forma de um aborígine, coberto de penas em toda a superfície da composição, mesmo no rosto, Ney é assimilado no mundo dos pássaros. Ele busca tão longe como dentro de si o conceito de libertação das convenções sociais, estereótipos morais e tabu. No fundo, uma fatia de lua, como uma pena ou concha, assume o papel de esperança e anima Ney alado. Este é um trabalho representativo com a única inconformidade de cobrir toda composição com penas. A razão é que Ney é tão frequentemente vestido como um homem-pássaro, que esta imagem persiste na mente.



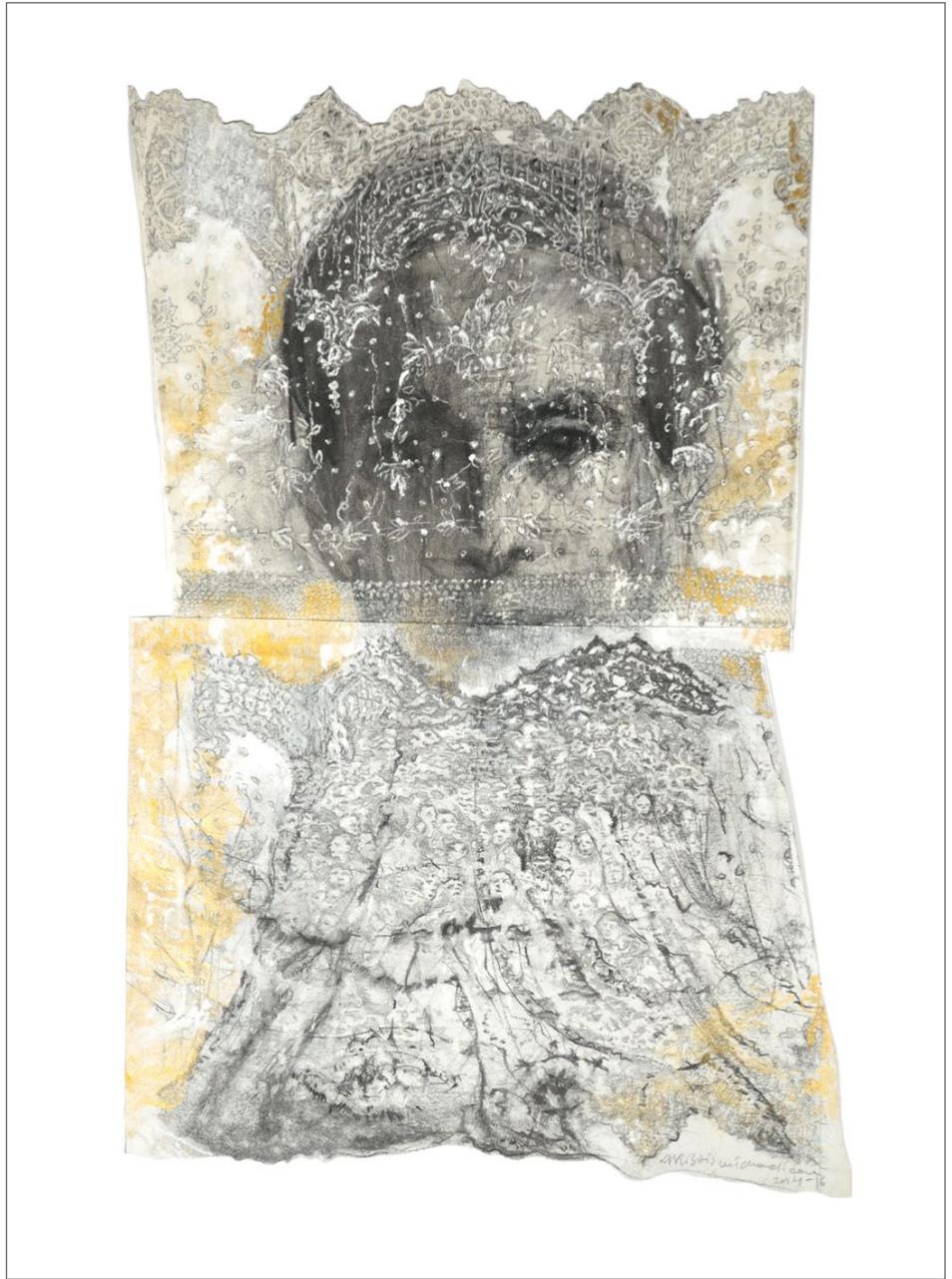
Ney e o Falcão, 2013-2014. Carvão e giz sobre papel (70x40).

O Falcão simboliza a liberdade interior muito apreciada por Ney. Aqui, Ney e o Falcão são identificados. Referindo-se ao Falcão disse “é um relacionamento íntimo”. Com a composição vertical da imagem, Michelidou enfatiza a ternura da relação entre os dois. Composicionalmente, um é completado pelo outro, e há um sentimento de que se tocam um ao outro. A concepção da obra é uma experiência extrema, repleta de contrapontos e alterações estilísticas — o olho expressionista, a evolução da decoração linear do Falcão de outra forma realista. Ney e o Falcão esquematicamente semelhante, compartilham na força do olho primitivo o mesmo olhar. Ney veste a natureza do Falcão de modo a ser batizado com a sua natureza propriedades. Surpreendente é que o expressionismo representacional, inicialmente não parecia tão harmonizado, mas tornam-se progressivamente através da transferência rítmica da forma e significado, para assinalar tanto o elemento familiar quanto o distintivo da relação de Ney com o Falcão.



O Espírito da Floresta, 2014. Carvão, giz e spray acrílico sobre papel (70x50).

Como é sabido, Ney ama tanto a floresta que mantém uma casa nela. Michaelidou, influenciada por Dioniso árvore, imaginou Ney numa floresta pessoal com seu olhar extasiado entre arbustos, árvores e pássaros. A causa foi uma entrevista onde o ouviu dizer: “Fico louco lá! No mato!” Por isso a artista criou um trabalho expressionista onde a floresta é representada com manchas escuras. Ney aparece na imagem com um olhar intenso, cheio de expressão, êxtase, intensidade e significado. Parece ter tomado o lugar de um animal selvagem escondido na floresta. A maquiagem camaleônica expressa a relação harmoniosa de Ney com a natureza, que chega ao grau de assimilação. Exceto os olhos, que são ilustrativos, o resto da imagem por implicação. Assim, as manchas escuras na parte superior são reconhecidas como pássaros no céu – um padrão de caráter puramente expressionista. O sentido geral da imagem é uma noite que é revelada através do luar.



Quadros de Referência, 2014-2016. Colagem: Carvão, giz, pastel e lápis sobre papel (70x50).

Michaelidou criou os *Quadros de Referências* na ocasião de uma entrevista com Ney, onde ele narra que quando ele era pequeno, sua janela era uma abertura para o público, e tornava-se uma cena com os do outro lado como espectadores. A pintora juntou dois trabalhos. No desenho superior, seu rosto frontal é coberto por uma cortina de renda à moda antiga que revela apenas seu olhar. No desenho inferior, a mesma renda é transformada em rostos de seus espectadores e termina numa cortina teatral com peso e pregas. A cortina do teatro é um quadro de referência, que remete à memória do início da atividade artística de Ney, porque diante dessa janela de sua juventude, transformada em teatro, ele apresentava uma atuação fantástica. Outro quadro de referência que é pessoal da pintora, é a maneira pela qual ela transforma a forma das duas obras de retângular para poligonal. Há um senso de reflexão de Ney com seu público. A controvérsia, por extensão, além de separar as duas situações, chama a atenção do público para isso — que a vida depende da maneira como a vemos e do quadro em que a colocamos.



Fetichismo, 2013-2017. Carvão e pastel sobre papel (50x70).

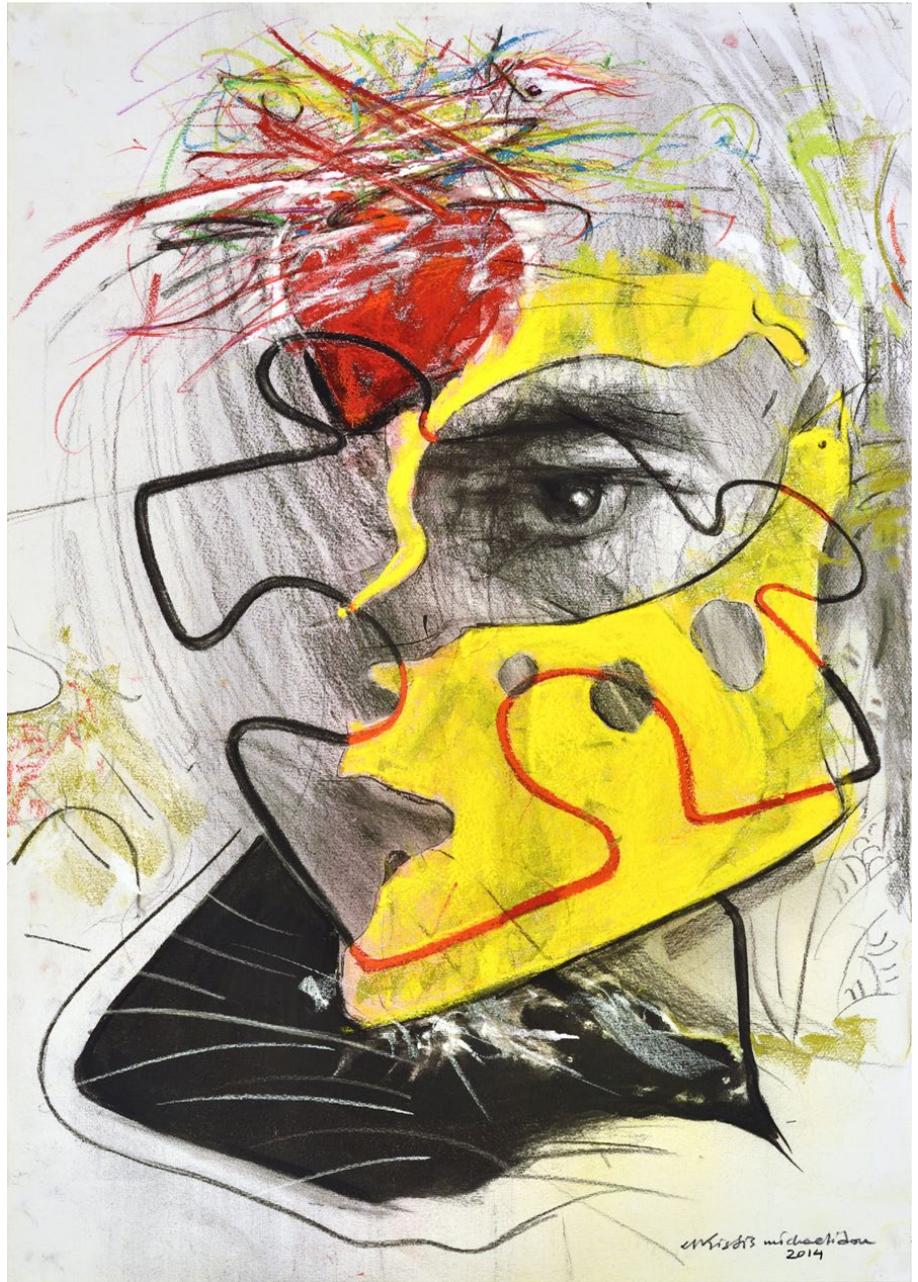
O *Fetich*e se refere ao relacionamento interativo de Ney com seus espectadores e retrata de forma colorida suas fantasias sobre o seu corpo. Michaelidou projeta num tronco de Ney um mural que apresenta dois golfinhos e uma trirreme, que deste modo podem ser vistos como uma tatuagem em cima do seu corpo. Anota dentro da obra o momento exato em que Ney permite aos espectadores entrarem em contato interativamente com ele. Aparecem as mãos dos espectadores linearmente colocadas tentando tocar nele. Referem-se ao erotismo do público em relação a Ney e vice-versa. A pintora coloca na parte púbica um botão de rosa verdadeiro como um beijo.

A Máscara de Ney



Tropicália, 2014-2016. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

Na *Tropicália*, no final dos anos 1960, Ney inventou uma máscara como meio teatral para expressar seus pensamentos pessoais e artísticos ao público. Aqui, Michaelidou apresenta a máscara branca que domina nas suas primeiras aparições. Colocou o emblema da paz, com uma linha branca, camuflada nas asas da máscara. Na parte inferior esquerda, ela pegou emprestado um detalhe do trabalho de Jean-Michel Basquiat, invertido de preto para branco como um contraponto à máscara de Ney, lembrando uma caveira para simbolizar a vida através da morte. Na parte inferior direita da composição, transportava um autorretrato-rabiscos de uma criança, que para a pintora retrata a loucura e a raiva pela guerra, querendo confrontá-la com o amor de Ney pela paz. A extremidade da boca é fortemente pintada de vermelho para ganhar força e indicar intensidade e fervor. Na cor branca, a máscara podia expressar que o sangue havia desaparecido e ficou somente a alma. Com referência ao Teatro Kabuki, a representação, o expressionismo e os elementos ingênuos estão interligados.



A Máscara Enigma, 2014. Carvão, pastel e lápis sobre papel (70x50).

A *Máscara Enigma* trata da misteriosa personalidade de Ney. Michaelidou apresenta a máscara branca projetada por Ney, excepcionalmente em amarelo, que combina muito com a cor preta, expressando a difícil juventude que ele viveu. Quando começou sua carreira no palco, não aparecia sem a máscara, o que o tornou enigmático para o mundo. O enigma resolve-se muito mais tarde no ditado de Ney: “A máscara revelou-me um outro lado de mim que eu não sabia que tinha”. A pintora criou como jogo de puzzle a união da parte frontal do rosto e da máscara de perfil. No centro da testa, a partir de uma abertura em forma de coração, é libertado um pássaro assustado na forma de um rabisco de criança, referindo-se aos seus sentimentos de juvenis e sua inocência. Finalmente, o trabalho combina estilisticamente o visual, a máscara esquemática e o desenho expressionista.



O Dragão e o Cisne, 2014. Carvão e pastel sobre papel (70x50).



De uma fotografia de Madalena Schwartz, Michaelidou transformou a máscara de Ney num símbolo transcendente de um Dragão alado. Esta obra foi criada para sublinhar a transcendência que a máscara lhe ofereceu. As formas resultantes das sobrancelhas –a esquerda como escrita gestual que lembra um cisne, e a direita que retrata o dragão– referem-se a um símbolo composto de ctônio e celestial, como o caduceu de Hermes. Além disso, trouxe a sua mão com as unhas compridas perto da máscara para intensificar as transformações zoomórficas de Ney. O projeto do desenho, que usa localmente os resultados sugeridos pela aleatoriedade digital, é retido no efeito de pintura. O projeto é um díptico com o trabalho anterior *A Máscara Enigma*.



Ney planeia Performances, 2014. Carvão, pastel e e lápis sobre papel (70x50).

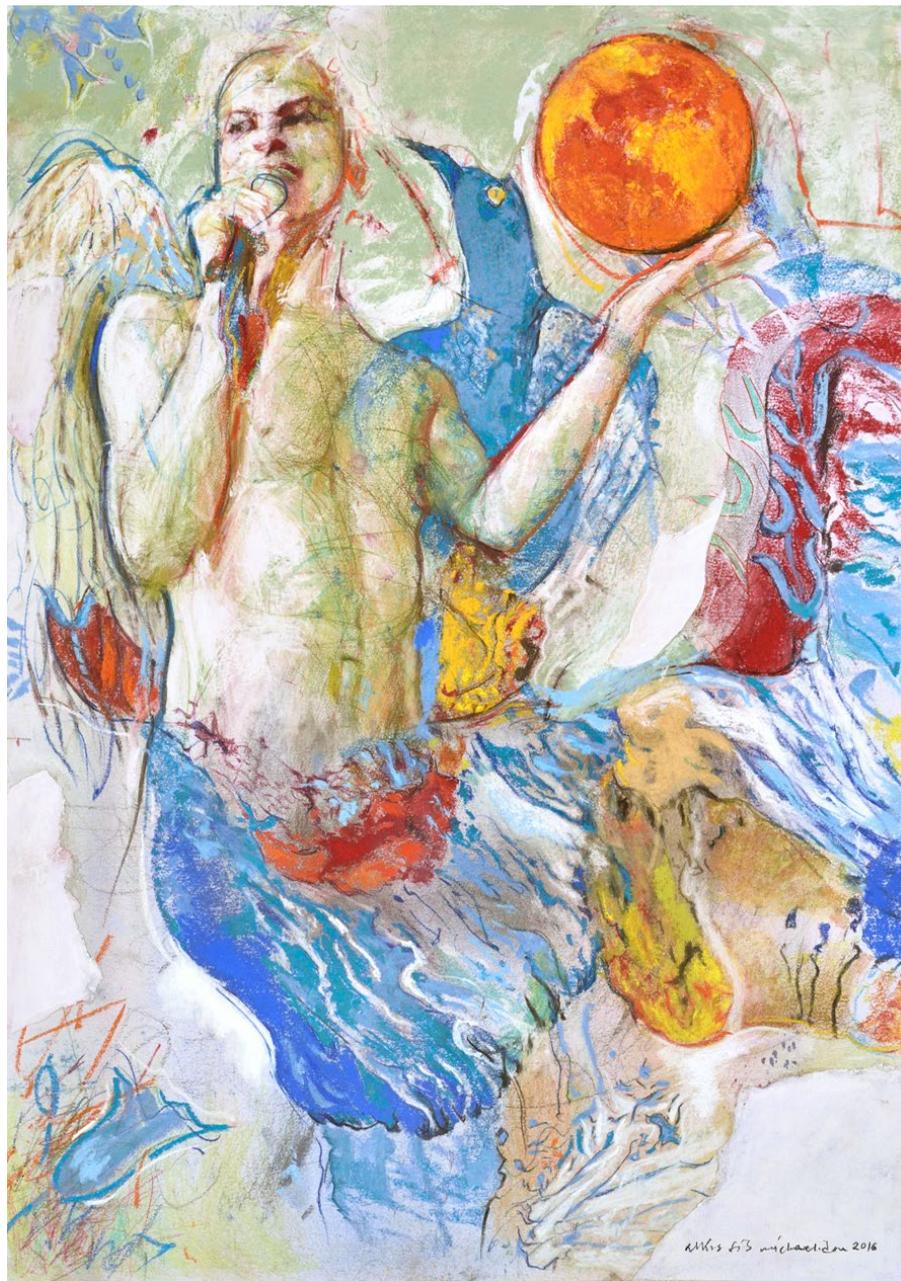
Michaelidou compôs esta rica obra de arte a partir de várias fotos de arquivo — o rosto sem maquiagem, as mãos da apresentação da *Memória da Flor* (2013) com uma na posição da pluma sobre o falcão, e a terceira mão e a máscara de uma fotografia de Madalena Schwartz. Na parte inferior, o falcão o acompanha como seu emblema eterno, no estilo de motivo decorativo. Pétalas de rosa espalhadas que rodeiam o falcão se referem a uma crista de fogo. No topo, na parte superior uma explosão de cor se refere à sua inspiração. Suas performances são coloridas e brilhantes como a lua cheia. Aqui, Ney está planeando uma performance como a pintora o imagina. Seu rosto e máscara compartilham um olho e parece que Ney pertence mais à máscara do que a si mesmo.

Intelectualidade e Espiritualidade



Ney e a Lua, 2011-2012. Pastel sobre papel, veludo e madeira (50x70).

Nesta imagem Michaelidou coloca o perfil de Ney a olhar para o outro lado da Lua. A sensação é de que a Lua acompanha Ney sempre e por toda a parte, independentemente da sua orientação visual. A Lua se aproxima dele em silêncio e deixa-lhe as marcas de sua radiação. A artista pintou as duas silhuetas contra um fundo de veludo preto, que com a sua absorção intensa torna as cores ardentes da Lua Oriental particularmente intensas. Pintou a prosopografia de Ney com lápis na madeira com veios e nuances, de modo a descrever basicamente a anatomia de Ney e da Lua em pastel sobre papel. A superfície igual a Ney/Lua refere-se ao seu valor proporcional, como a artista o sente. Queria representar poeticamente aquilo que dizia Ney, que foi favorecido pelas circunstâncias. Veste a cabeça de Ney de folhas e ramos, como se fosse ele próprio uma criatura da floresta dentro da noite. O trabalho expressa a atmosfera misteriosa que acompanha a personalidade de Ney.



Vestindo um Mural, 2016. Carvão e pastel sobre papel (70x50).

Neste trabalho Ney aparece vestido um mural. A cabeça de Ney que canta alude à Lua, localizada paralelamente. Seu corpo tem uma asa e se refere ritmicamente ao pássaro e à paisagem. Seu traje é como a água fluindo, formada pelas águas da paisagem, vagamente baseada nos *Frescos do Pássaro Azul* de Cnossos no século XVI a.C. Antigo e contemporâneo, é atemporal à estética de todas as épocas. O estilo de cartaz pop está em harmonia com a estética de um fresco antigo. Partes desgastadas da superfície do papel lembram o desgaste do fresco, enquanto pedaços de papel branco assinalam um fresco em manutenção. Embora os diferentes estilos se sobreponham, o tridimensional, o plano e linear harmonizam-se para que um produza o outro. É um tríptico com os seguintes trabalhos, *A Lua Tem Coração* e *Macaco Azul*.



A Lua tem coração, 2018. Pastel sobre papel (70x50).

A obra *A Lua tem coração* é inspirado no *Fresco da Primavera* de Thera do século XVI a.C, no poema de Odisseas Elitis, *Γεια σου κύριε Μενεξέ* (*Olá Senhor Menexe* -1971) e numa pintura infantil. O elemento do desenho infantil e parte do fresco são fundidos e harmonizados. Ney festeja a vida na natureza em cima de um barco vermelho sob o olhar de uma lua-Selene com coração. A composição talvez inclua uma enorme borboleta amarela. São os escritos e as pinceladas do trabalho que são narrativos e fazem com que a imaginação do espectador forme figuras em diálogo com o estilo do fresco.



Macaco Azul, 2018. Pastel sobre papel (70x50).



Este trabalho é baseado no *Mural Macaco Azul* do século XVI a.C. de Thera. É uma síntese de três estilos: fresco antigo, representação cômica e fotográfica. O macaco abraça ternamente o rosto de Ney, enquanto que na parte inferior, é visível o desgaste do fresco, que é complementado por desenhos cômicos. Juntamente com os trabalhos *Vestindo um mural* e *A Lua tem Coração*, o tríptico é ritmicamente ligado e consiste numa mistura mais ampla de estilos. Estas três obras estão entre as ligações mais abrangentes dos diferentes estilos de Michaelidou.



Hiroshima, 2017. Carvão e pastel sobre papel (70x100).

A memória da hora de Hiroshima esfumaça, o rosto de Ney com escuridão, enquanto ele a recorda tristemente. À esquerda está o relógio parado no tempo da Hiroshima destruída. Entre eles, uma sombra, um fantasma trêmulo, uma gangorra, brincadeira infantil que aponta para a criança perdida, no tempo, bem como o mundo superior e submundo. A ligação de Ney e a memória da destruição é conceitualmente marcada através do símbolo elementar e gasto, gangorra. Ney visitou Hiroshima. Ele também cantou a *Rosa da Hiroshima* (1973) que lamenta as crianças perdidas.



Ideologia, 2016. Pastel sobre papel (50x70).

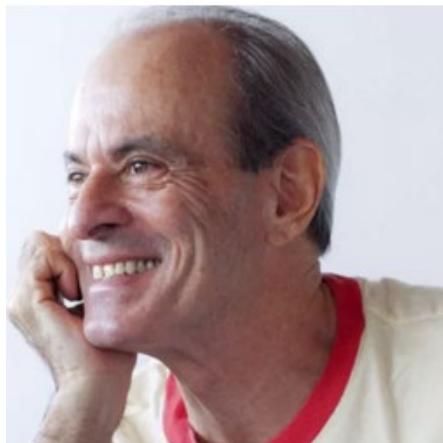
Nas suas entrevistas, Ney declara-se anarquista, mas com responsabilidade, auto-consciência. Aqui é apresentado cético, nublado, refletindo sobre a realidade política. A imagem tem uma referência lateral às *Aves*, a comédia política de Aristófanes. Todas as aves estão associadas a símbolos. Na testa, uma das aves Stinfalidas de um vaso antigo juntamente com o sinal da anarquia. O revólver, referência à sua infância, ameaça a ave com o sinal de paz em sua asa, enquanto diametralmente do outro lado aparece um ramo de oliveira que lhe traz uma pomba branca. No canto esquerdo, uma coroa invertida, junto com uma seta branca apontando para baixo, indica sua atitude antiautoritária. No lado oposto, a coruja, uma escultura que o acompanha em seu camarim, segura uma balança que indica justiça. O sol, pintado infantilmente, implica inocência. A geometria, na forma de gráficos, atua paralelamente e evolui ao longo da obra, ligando os símbolos ilustrados. Aqui, a pintora, através do exagero dos símbolos geométricos, põe em causa a absoluta correção do raciocínio (Logos) humano.



Transcendência, 2016. Pastel sobre papel (50x70).

A transcendência de Ney de acordo com Michaelidou baseia-se na sua relação com a natureza, mas também se torna uma qualidade inerente. Seu rosto aparece por um buraco rasgado no céu. Seu olhar cruza um arco-íris, que é contrastado com um arco invertido de pássaros. As aves significam seus pensamentos e seu estado mental, as asas da mente. Tranquilo, olhando ao longe, com o olhar direto que cruza o trabalho horizontalmente, dá substância ao espaço vazio, de modo a que o papel branco se torna imagem de abstração, deslocando o foco do trabalho da imagem para a ideia. Aqui, Michaelidou apresenta Ney de um modo idealizado.

Ney Matogrosso



Ney de Souza Pereira nasceu a 1º de Agosto de 1941 na pequena cidade de Bela Vista, no Mato Grosso do Sul, perto da fronteira com o Paraguai. Desde cedo, revelou talentos artísticos; cantou, pintou e ainda era jovem quando escolheu desafiar o mundo adulto, discordando de seus preconceitos e inconsistências.

Sua infância e adolescência foram marcadas pela solidão, em parte voluntárias –ele gostava de passar horas na mata, acompanhado apenas por seus cachorros– e parcialmente forçado por causa dos movimentos constantes das nomeações de seu pai militar. Quando jovem, trabalhou por um tempo no laboratório de anatomia patológica do Hospital de Brasília e depois como supervisor

de crianças doentes. Por muitos anos, ele ganhou a vida através da fabricação e venda de artesanato em couro, enquanto adotava totalmente a filosofia da vida hippie.

Desde cedo participou em festivais Universitários e formou um quarteto vocal. O teatro também atraiu sua atenção e decidiu se tornar um ator. Entre o Rio, São Paulo e Brasília, ele conheceu João Ricardo através de sua grande amiga Luli, que mais tarde se tornou compositor de alguns de seus maiores sucessos. Em 1970, desistiu de seus estudos em Brasília e foi cantar com a *Secos & Molhados*, sem se importar com um futuro mais seguro, desejando viver sua vida a seu modo. Naquela época, inventou sua maquiagem e buscou completa liberdade artística com improvisações. Ele disse sobre suas aparições: “Em nosso repertório havia poemas do pai de João Ricardo, o famoso poeta português João Apolinário. Eram basicamente poemas musicais. Essa foi nossa grande distinção. Nosso estilo era rock, mas não éramos rock’n’roll. Nossa atitude foi provocativa, ofensiva, mas o repertório era pop”. Logo depois, razões financeiras forçaram o grupo a se dissolver.

Durante os anos da ditadura (1964-1985), seu esforço artístico pessoal foi censurado e policiado, mas ele resistiu e mais tarde se tornou um símbolo de liberdade.

Em 1982, sua reputação decolou como resultado de sua participação no Festival de Montreux. A partir de então, incontáveis espetáculos se seguiram, com uma variedade de repertórios, da música brasileira tradicional, rock ou rap, além de colaborações com uma grande variedade de músicos,

antigos e novos. Ao mesmo tempo, ele tocou em filmes e o documentário *Olho Nu* (2013), uma homenagem à sua vida e obra, foi amplamente divulgado.

Sua familiaridade com Cazuza, seu relacionamento, sua colaboração e a morte do jovem cantor pela AIDS o marcaram profundamente. No mesmo período, ele perdeu muitos amigos por causa desse flagelo. Passou por um longo período de depressão e introversão. Mais tarde, em uma série de entrevistas, revelou tudo sobre sua vida pessoal e arte. Ele retornou ao cenário depois de uma década e ganhou uma posição de liderança dentro da galáxia de estrelas da música.

Álvaro Neder escreve para Ney Matogrosso: Ele na verdade era um artista diferente com uma voz soprano incomum, que caiu na cena da música popular brasileira como uma bomba nos anos 70, no *Secos e Molhados*. O fim do grupo marcou o início de uma carreira solo fértil e bem-sucedida, na qual ele começou a explorar sua personalidade sensorial e carismática por meio de repertórios satíricos e irônicos. Com o passar do tempo, ele substituiu interpretações autocontidas e profundamente sensíveis dos clássicos para a música popular e clássica brasileira. Junto com sua representativa e prolífica discografia solo, pela qual recebeu três discos de platina e três de ouro, Matogrosso gravou em Itália com Astor Piazzola, atuou na Argentina, no Uruguai, participou de dois Festivais de Jazz de Montreux (Suíça), e percorreu Portugal várias vezes. Ele também se apresentou em Israel e nos EUA, mas sempre recusou convites para desenvolver uma carreira internacional. Matogrosso também trabalhou como ator e dirigiu shows de RPM, Cazuza e Simone.

Ele foi caracterizado pela revista *Rolling Stone* como o “3º Maior Artista Brasileiro de todos os tempos” e em 2014 recebeu o *Grammy Latino*.

Alkistis Michaelidou



Alkistis Michaelidou nasceu em 1o de janeiro de 1959 em Heráclio, Creta. Graduou-se na Escola Secundária de Neo Heraklion, Atenas, em 1976 e continuou seus estudos de nível avançado em matemática no North Trafford College (1977-1978) e Arqueologia, História Romana e Pintura no Saint John's College, em Manchester, Inglaterra (1978-1980).

Estudou pintura ao lado de Iannis Moralis e Dimitris Mitaras e Teoria da Arte com Pavlos Christodoulides na Escola Superior de Belas Artes de Atenas - ASFA (1981-1989). Aprofundou seus estudos com a participação de todas as palestras sobre Teoria da Arte no Curso de Mestrado em ASFA (palestras de Petros Martinides, Giorgos Harvalias, Nikos Daskalothanasis) e estudos privados em Artes Digitais (1996-1998) ao lado do Nikos Doukas. Michaelidou está entre os representantes mais importantes da década de 2000-2010, de acordo com o historiador Anthony Kotidis (*Modernismo e "Tradição"*, t. II, 2011: 339-340).

Alkistis Michaelidou recebeu as seguintes distinções:

Certificado Honorário da Mais Alta Qualidade-Pequena Lista, da IV Bienal Internacional de Desenho, Pilsen, República Checa, 2004.

A Melhor Coleção Prêmio da VI Bienal Internacional de Desenho, Pilsen, República Checa, 2008.

As Melhores Obras da Bienal da VII Bienal Internacional de Desenho, Pilsen, República Checa, 2010.

Michaelidou apresentou as seguintes exposições individuais:

Leitura de uma onda, Museu de Arte Grega Contemporânea, Ilha de Rodas, Grécia (2002).

Museu da Água, Galeria X Colono, Atenas (2003).

Contraponto de símbolos, Galeria X Colono, Atenas (2004) / Centro Cultural Anemopyles, Castelo Burgi, Ilha Karystos (2004) / Museu de Arte Grega Contemporânea, Ilha de Rodas (2005).

Ela também participou das seguintes exposições coletivas:

Graduados da ASFA, National Gallery - Museu Alexandros Soutzos, Atenas (1990).

Latas de estanho, Lithografeio da rua de Piraeus, Atenas (2000).

MoTeR II, Museu de Arte Grega Contemporânea, Ilha de Rodas (2002).

205 Artistas Paint for loli, Galeria Epistrofi Atenas (2003).

IV Bienal Internacional de Desenho, Museu da Boémia Ocidental, Pilsen, República Checa (2004).

Pequena Lista da IV Bienal Internacional de Pilzen, Centro Tcheco, Varsóvia, Polônia (2005) / Galeria de Kormendi-Csak em Sopron, Hungria (2005) / Sala Manzu, Bergamo, Itália (2006) / Centro Tcheco em Bruxelas, Bélgica (2006).

V Bienal Internacional de Desenho, Museu da Boémia Ocidental, Pilsen, República Checa (2006).

3º Concurso Internacional de Desenho, Museu de Arquitetura, Wrocław (2006).

Artes baseadas no tempo: 23 artistas de vídeo em Atenas, Centro Cultural Municipal de Agia Paraskevi (2006).

3º Concurso Internacional de Desenho, Miejska Galeria Sztuki wLodzi / Studio Gallery, Wrocław, Polônia (2007) / Galeria Neapoli, Tsessaloniki (2008).

VI Bienal Internacional do Desenho: A Melhor Coleção, Museu da Boémia Ocidental, Pilsen, República Checa (2008).

Eventos Internacionais de Pesquisa em Arquitetura - Unbuilt, Escola de Arquitetura para Todos - SARCHA, Museu Bizantino e Cristão, Atenas (2008).

VI Exposição de Artes Visuais Euro-Americano, Ex-Templo de San José / Campeche, organizado pelo Governo do Estado do Campeche, o Instituto de Cultura de Campeche e A.C. -ARTAC -AIAP / UNESCO, Campeche, México (2009).

ARTweek, Aaberna, Denmark (2009).

A Mente Aberta de Lafcadio Hearn, Colégio Americano da Grécia - ACG Art, Atenas, Grécia (2009).

VII Bienal Internacional de Desenho, Museu da Boémia Ocidental, Pilsen, República Checa (2010).

VII Bienal Internacional de Desenho / As Melhores Obras, Centrum Bavaria Bohemia, Schönsee, Alemanha (2010).

A figura humana em Art, Technopolis, Atenas (2010).

Pictor 3 - Explorando o familiar, Action Field Kodra # 10, Thessaloniki (2010).

VIII Bienal Internacional de Desenho, Pilsen, República Checa (2012).

Iniciativa Visual, Galeria Municipal de Arta - Moralis, Arta, Grécia (2010).

Os melhores desenhos da VI Bienal Internacional de Desenho, Centrum Bavaria Bohemia, Schönsee, Alemanha / Galéria Slovenskej Výtvarnej Únie, Bratislava, Eslováquia (2011).

Encontros: Afinidades ecléticas com a arte de Phaedon Anastasiadis, Centro Cultural Melina Mercouri, Atenas (2011) / Fundação Teloglion de Arte, Salónica (2012).

sExplosão: Relacionamentos Pênis e Vagina nas Artes Visuais Contemporâneas, Booze Cooperativa, Atenas (2011).

VIII Bienal Internacional de Desenho, Museu da Boémia Ocidental, Pilsen, República Checa (2012).

AS asperger | O paradoxo de ser uma fera ou um deus, Cheapart, Halandri (2014).

Bem-vindo - A hospitalidade europeia e suas fronteiras, Museu de Arte Contemporânea de Chania - Olivepress, Chania (2015) / Galeria de Arte de Morfes, Rethymno (2016) / Museu de Artes Visuais de Heraklion - Kostis Schizakis, Heraklion (2016).

Michaelidou trabalhou nas seguintes instituições:

Programa de intercâmbio de artistas, Associação Internacional de Artes IAA, Suécia (2005).

Pictor 3: Explorando o Familiar, Museu Estadual de Arte Contemporânea, Thessaloniki (2008).

Artweek, Aaberna, Dinamarca (2009).

Também participou em dois festivais de conteúdo ecológico:

Uma Elegia da Água, Ministério da Cultura Helénica, Ilha de Rodes (2004);

10º Festival Internacional de Cinema Ambiental: Green Vision, São Petersburgo, Rússia (2005).

Desenhou as capas de 11 livros.

Obras suas encontram-se no Colégio Americano da Grécia, na Coleção da Escola Superior de Belas Artes de Atenas, no Museu de Arte Grega Contemporânea, na ilha de Rodes, no Centro Cultural de Caristos na ilha grega de Eubeia, tal como em muitas outras coleções particulares.

Vive e trabalha em Atenas.

Megakles Rogakos, MA MA PhD



Megakles Rogakos é um historiador de arte e curador de exposições. Ele tem bacharel em História da Arte pelo The American College of Greece (1997); Mestrado em Política e Gestão de Artes pela City University, Londres (1998); outro mestrado em História da Arte e Teoria pelo Goldsmiths College, Londres (1999); e PhD em Filosofia e História da Arte na Universidade de Essex, em Colchester.

Em 2000-2004, trabalhou como oficial de informação na Tate Gallery, realizou pesquisas acadêmicas e organizou uma série de exposições multimídia, em Londres e no exterior, com artistas contemporâneos internacionais. Em 2004-2012, ele ocupou uma nomeação como Curador de Arte ACG no American College of Greece. Naquela capacidade, ele organizou a coleção de arte no que ficou conhecido como “ACG Art”; criou o site www.acgart.gr para a coleção; aumentou a coleção de 865 para 3.427 obras; iniciou a Arte ACG que abriu em 2008; curadoria de 12 exposições de arte ACG; e colaborou com os departamentos da faculdade para desenvolver e implementar programas educacionais.

Desde 2012, ele trabalha como curador independente, continuando a curadoria de exposições e supervisionando projetos culturais. A maioria das exposições acima mencionadas é acompanhada por um catálogo, para o qual ele contribui com os textos em grego e inglês, e dos quais ele supervisiona o projeto. Ele também publica resenhas de exposições de arte excepcionais no site www.elculture.gr.

Em 2012-2016, ele pesquisou PhD na Universidade de Essex, com a supervisão do professor Dawn Ades. Sua tese é intitulada “Uma Exegese Joyceana do *Grande Vidro* – Traços Homéricos no Pós-modernismo de Marcel Duchamp.” Atualmente, ele explorou como o *Vidro* de Marcel Duchamp (1915-1923) pode se relacionar particularmente à *Odisseia* de Homero e por extensão ao *Ulisses* de James Joyce. (1914-1922).

ÍNDICE

Alkistis Michaelidou pinta Ney Matogrosso	9
As seções	
Biografia Imaginária de Ney	15
Mitologia pessoal sobre Ney	29
Aspectos do Caráter de Ney na Vida e na Arte	61
Presença no palco	89
A Máscara de Ney	107
Intelectualidade e Espiritualidade.....	117
Ney Matogrosso	133
Alkistis Michaelidou	135
Megakles Rogakos	139

LISTA DAS OBRAS

1. O Olho Bizantino	16
2. Raio	18
3. Ney como Cocheiro de Motia	20
4. A Mão Azul	22
5. Centauro Branco em Meditação	24
6. Inseto	26
7. A Maçã do Paraíso	30
8. Cazuzza - Centauro Alado	32
9. Centauro na Aurora Azul	34
10. Ney com Barco na Cabeça	36
11. Minóico	38
12. Ney na Caverna	40
13. Primavera	42
14. Ney e Adónis	44
15. Ney como Potnia Thiron	46
16. Ney como Aquiles-Tritão	48
17. Ney como Dioniso-Daemon	50
18. Ney como Dioniso	52
19. O Ney e os Cupidos	54
20. O Ney e o Minotauro	56
21. Zéfiro	58
22. O Ney dançando na minha paleta	62
23. Como um Conto	64
24. Centauro em Floresta que Arde	66
25. Jovem Centauro recorda a sua Infância	68
26. Centauro Solitário	70
27. Microsímbolos de Erotismo	72
28. Conspiração de Elfos	74
29. Centauro vendo Luas a Cair	76
30. Sonhador	78
31. Ney Arcaico	80
32. Neocubista Ney	82
33. Para a Liberdade	84
34. Vi a verdade de cada lado	86
35. O Vira	90
36. As mãos do Ney	92
37. Crista	94

38. Ney como Homem-Pássaro	96
39. Ney e o Falcão	98
40. O Espírito da Floresta	100
41. Quadros de Referência	102
42. Fetiche	104
43. Tropicália	108
44. A Máscara Enigma	110
45. O Dragão e o Cisne	112
46. Ney planeia Performances	114
47. Ney e a Lua	118
48. Vestindo um Mural	120
49. A Lua tem coração	122
50. Macaco Azul	124
51. Hiroshima	126
52. Ideologia	128
53. Transcendência	130

